

Azul Terracota

*Urbanização, Narrativa e
Memória no Sacomã*

Mateus Merighi Cuconato

Azul

Terracota

***Urbanização, Narrativa
e Memória no Sacomã***

Mateus Merighi Cuconato

Banca Examinadora

Orientadora:

Profª Drª Ana Cláudia Scaglione Veiga de Castro

Convidadas:

Profª Drª Joana Mello de Carvalho e Silva

Profª Drª Amália Cristóvão dos Santos



parte 2:
Azul

***Revestimento metálico empregado na cobertura do
Terminal Sacomã Osvaldo Giannotti***

foto: acervo pessoal

Outra operação: memória

A primeira parte deste caderno apresentou uma narrativa constituída pela organização e análise de variadas fontes históricas sobre o Sacomã. Fontes documentais que, como vimos, possuem naturezas distintas. Entretanto, desde o começo da pesquisa, havia a vontade de ouvir relatos de pessoas que, em algum aspecto, se relacionaram com o Sacomã ao longo de suas vidas. A inspiração veio de outros trabalhos que usam desse recurso para tratar sobre a história de um lugar, levando em conta a perspectiva de alguém que viveu a cidade e agora fala sobre ela. Logo, a partir de agora, serão dispostas as lembranças de alguns indivíduos, coletadas por meio de entrevistas. Isso nos leva a considerar um novo tema importante: a memória.

Primeiramente, vale ressaltar que a memória será tratada como uma operação outra, diferente da leitura historiográfica. Entendendo que existem inúmeras narrativas possíveis sobre um lugar, não faria sentido o exercício de confrontar lembranças que foram elaboradas a partir da experiência social vivida por estes indivíduos; com uma narrativa construída a partir da análise de documentos dispostos em conjunto. Logo, as lembranças -- e por consequência, os esquecimentos -- destas pessoas não serão entendidas como uma nova fonte histórica que se soma às outras, seja para preencher lacunas, seja para contestar a narrativa criada.

Será um caminho diferente daquele que tomamos ao analisar um mapa ou um anúncio de jornal onde existiam discursos contidos e organizados, pois as lembranças não constituem um pacote estruturado e finalizado (MENESES, 1992; p. 10). Para entender esse movimento, ao invés disso, podemos pensar na operação da memória como um esforço, um trabalho, como ensina Ecléa Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

(BOSI, 1979; p. 17)

Se a lembrança é formada em nossa consciência atual, é necessário pensar nestes relatos como uma ação inteiramente disposta no presente, incentivada no presente. A memória não é uma transportadora de informações do passado, como se pensa, tampouco estes relatos representam a sobrevivência de uma outra ordem, que já não existe mais. Nas palavras de Ulpiano Bezerra de Meneses:

Também na voz corrente, a memória aparece como enraizada no passado, que lhe fornece a seiva vital e ao qual ela serve, restando-lhe, quanto ao presente, transmitir-lhe os bens que já tiver acumulado. Ora, como se viu, a memória enquanto processo subordinado à dinâmica social desautoriza, seja a ideia de construção no passado, seja a de uma função de almoxarifado desse passado. A elaboração da memória se dá no presente e para responder solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.

(MENESES, 1992, p. 11)

Aqui aparece a subordinação da memória ao presente, mas também à "dinâmica social". Dessa forma, vemos que a memória pode ter um âmbito coletivo que perpassa pelas memórias individuais. Quando uma pessoa se lembra e reconstrói acontecimentos do passado no presente, a memória individual pode apoiar-se na coletiva (HALBWACHS, 1950, p.53) e isso se dá porque o indivíduo está inserido

em um ou mais grupos sociais. Em outras palavras, as duas memórias atuam em conjunto.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social.[...] A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. (HALBWACHS, 1950, p. 55)

À primeira vista, poderia-se pensar que a "memória coletiva" fosse exterior ao indivíduo, que pertença a sua sociedade. Ou ainda que ela se valha de datas e fatos que se fizeram importantes para os grupos sociais e que a sua interiorização aconteça pela simples incorporação em suas lembranças pessoais. Entretanto, o caráter coletivo da memória perderia muita força em nossas lembranças, desempenharia um papel secundário (HALBWACHS, 1950, p. 57). Pensando dessa forma, estariamos admitindo que os relatos das pessoas sobre o Sacomã - onde elas viveram, trabalharam, frequentaram -- já estivessem de certa forma escritos. Que suas lembranças já estivessem prontas e organizadas no âmbito da memória individual, esperando para serem classificadas por período histórico -- quando, porventura, elas se lembrassem de um prefeito da cidade, ou da época de um proprietário de terras importante - desmentindo o caráter laboral e incompleto que estávamos admitindo para a operação da memória. De fato, seria mais interessante pensar que, quando aconteceram as conversas transcritas a seguir, ambos os aspectos da memória estavam atuantes, em conjunto, em cada pessoa, no momento presente, com os recursos que se apresentaram.

Mas, pode-se distinguir realmente de um lado uma memória sem quadros, ou que não disporia para classificar suas lembranças senão palavras da linguagem e de algumas noções emprestadas da vida prática,

e de outro lado um quadro histórico ou coletivo, sem memória, isto é, que não seria construído, reconstruído e conservado dentro das memórias individuais? Não cremos. Desde que a criança ultrapasse a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interessa pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes do pensamento coletivo.

(HALBWACHS, 1950, p. 62)

Como já demonstramos na primeira parte do trabalho, a operação histórica lida com os discursos inseridos nos documentos, contextualizando-os em série e lendo criticamente seu conteúdo. Em outras palavras, a história tem seu teor científico (LE GOFF, 1988, p. 535) e seu caráter crítico (MENESES, 1992, p. 23). Agora, falamos de outra forma de pensar o passado.

O arrancar da memória, segundo Pierre Nora (1993, p. 8), é um movimento do nosso tempo. Para ele, nunca tantos trabalhos giraram em torno desse tema. Em um mundo onde as tradições, os costumes e quaisquer transmissões de conhecimento passado se perderam por completo, esse interesse pela memória existe porque seus mecanismos desapareceram. De fato, a recorrência dessa temática trouxe à tona um novo problema, aquilo que Ulpiano Bezerra de Meneses chama de “gestão da memória” (MENESES, 1992, p. 19). Ao ler Nora, em contrapartida, Meneses vê pontos positivos no crescente interesse pela memória, uma vez que, se cada um de nós é “historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 17), agora novos grupos sociais, antes excluídos, poderão estudar e consolidar suas identidades, inclusive nos circuitos oficiais.

Portanto, é possível pensar sobre as interlocuções entre a memória individual e a memória coletiva. Eclea Bosi (1979), ouvindo relatos de pessoas idosas - assim como foi feito este trabalho - trata desse tema sob a perspectiva da psicologia social. A partir de Halbwachs, ela trabalha com a ideia de que os idosos, aqueles que deixaram de participar ativamente das obrigações econômicas e polí-

ticas, recebem uma nova função social: a função da memória. Enquanto que, para o adulto, remontar quadros de sua juventude/infância é uma sensação de lazer, de despreocupação com a vida cotidiana, para o idoso, é um trabalho (BOSI, 1979, p. 23).

Entretanto, nem sempre os idosos deixam de exercer suas atividades e nem sempre se espera deles essa função social de lembrar. Da obra de Halbwachs, Bosi está mais interessada na formulação de que a memória é um trabalho sujeito aos quadros sociais, que ela é moldada “pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado” (BOSI, 1979, p. 25). Por isso, já não é mais pertinente imaginar se os acontecimentos relatados nas conversas a seguir são verdadeiros ou não, se eles dão conta ou não do passado como um todo. É mais interessante pensar em como essa “matéria prima da recordação” (BOSI, 1979, p. 25) das falas desses idosos, estejam eles trabalhando ou não, carrega diversas características dos grupos sociais com que eles se envolveram ao longo da vida -- sendo agora sim, e por isso mesmo, também parte da história da cidade.

Transcrições

Lenis e Valdira Guirao

Dois irmãos, filhos do espanhol Alonso Guirao, nascidos em Araçatuba, interior de São Paulo. Hoje, ambos estão aposentados, ela com 79 anos, ele com 87.

A conversa aconteceu na tarde do dia XX/setembro/2019, na casa de Lenis, no bairro de São João Clímaco. Os dois irmãos começaram a conversar sobre a infância em Araçatuba, no interior do estado de São Paulo. Sem aviso prévio, com muito bom humor, as memórias da roça e da família já começaram a aparecer, um incentivando o outro, os dois se ajudando a lembrar.

Lenis: Meu avô foi um homem trabalhador, uma coisa fora do comum pra trabalhar... mas ele não tinha essa coisa de ser aplicado, querer estudar, de pegar um livro, sabe? Meu pai, não! meu pai era um cara que, quando ele cismava de fazer uma coisa, ele ia buscar, estudava e saía... Você imagina, ele fundou um centro espirita! Eu vou em centro já faz não sei quantos anos e nunca me veio essas ideias. Ele não, ele era jovem.

Foi perguntar pra um camarada, que era uma pessoa que entendia bastante, lá em Araçatuba ainda. Perguntou como fazia pra estudar e o sujeito falou pra ele. Ele disse que o senhor tem que comprar os livros principais, por exemplo, o evangelho segundo o espiritismo, o livro dos espíritos e o livro dos mediuns. e você sabe que...

Valdira: ele fundou uma escola... pôs uma escola também no sítio...

L: É... ele fundou esse centro espirita, conseguiu descobrir médiuns que recebiam espíritos. Durante o trabalho espiritual, o espírito passava remédios. Eles anotavam e meu pai ia comprar na cidade.

Depois ele inventou de fazer a escola! Então um dia lá ele parou aquele botequim, quando não tinha os caipiras - aquilo parecia um enxame de abelha, sabe? 'zzz-zzz... 'cada um fala uma coisa - e ele falou pra turma assim: 'olha, vamos fundar uma escola aqui?' Daí, a maior parte daqueles sitiantes eram todos formados! [risadas]

Mateus: tio, e quando vocês vieram pra São Paulo, vocês foram morar aonde?

L: nós fomos morar na Vila Carioca. Quer dizer, era Vila Independência, a turma falava... viemos morar na casa de um tio do meu pai, irmão da minha avó. Cada um foi pra casa de um parente e por aí fomos se ajeitando.

V: Fomos pra onde? pra casa do tio João?

L: É, tio João.

V: Mas depois fomos pra rua Aida.

L: É. O Pai Lonso (Alonso) comprou aquela casa, aquele terreno enorme... e nós fomos praquela casa. Até, o Pai Lonso era pra construir naquele terreno vazio... porque depois foi construindo, né?

Quando nós chegamos - vc imagina naquela época - não sei exatamente quanto, falavam um pouco mais de 40 conto de réis, dinheiro vivo. O bonde custava 200 réis, a passagem. Era dinheiro, hein? o Zé, nosso irmão, que chegou a ver as casas, de vez em quando falava sobre isso. Mas o Pai Lonso deixou de comprar duas casas na rua General Lecor, entre a Silva Bueno e a Lino Coutinho. Disse que eram duas casas... por 7 conto. Imagina, pra quem trouxe mais de 40...

Quem comandava negócio de comercio era meu pai. Ele tinha aquelas ideias de como o comercio ia funcionar...

V: mas já meus tios não tinham muito, não.

L: E eu sei que naquele tempo inventaram de comprar uma venda. E lá tinha uma porção de empórios. Então tinham aqueles fregueses que quando não tinha mais crédito em um, pulava pra outro. mas pagar, não pagava. A inadimplência é uma doença antiga! [risadas]

M: A venda era aonde, tio?

L: A venda era na Rua Aida com a Rua Auriverde. Ali foi quase tudo demolido, né?

V: Você lembra da venda dos arlindo?

L: Lembro!

V: Uma vez a mamãe mandou eu buscar massa de tomate lá ou não lembro o que era... Eram dois irmãos gordos, lembra?

L: Eram!

V: Daí um deles falou assim pro outro: 'ah, ela é sobrinha daquele Antonio, que não paga nem as promessas que faz!' [risadas] Eu era uma menina, hein? Esse meu tio Antonio é pai daquelas primas que moram hoje nos Estados Unidos [risadas]

Depois ele veio morar ali em frente onde é o Terminal Sacomã, do lado do alfaiate.

L: Ainda tem aquela casa. 3049. Se um dia você passar lá você olha o numero 3049.

V: e ele morou também... como chama aquela que virava assim, onde a [prima] Leonil casou? Acho que é Lino Coutinho... aquela rua onde o bonde dava a volta...

L: o bonde vinha pela Silva Bueno, entrava à direita na Greenfeld, entrava na Lino Coutinho... fazia aquele balão, né?

V: É.

L: Naquele balão não tinha nada... ali vinha circo, parque infantil... aqueles parquinhos que faziam antigamente, roda gigante... ali era o lugar onde a população se reunia.

V: Tinha o 'vai e vem'... ali era a Disneilandia! [risadas]

L: O cara que viajava à pé da Vila Carioca, tava na Disneilandia! [risadas]

V: Então, o Tio Antonio, quando foi lá pro Sacomã, nós achavamos bonito. Porque nós moravamos na Vila Carioca... 'e ele foi pro sacomã?' nossa... era chique! Aí ele veio morar ali...

L: Mas você lembra? antes dele morar ali, em frente do terminal, ele morou na Agostinho Gomes, onde faz aquele pico onde é todinho estação agora.

V: Então, ali que eu to te falando!

L: Então, naquela rua. Depois dali que ele mudou naquela casa.

V: Ali mesmo, até a leonil casou lá naquela casa.

M: Esse bonde era o aberto, tio?

V: Tinha o bonde aberto...

L: Fechado era só aqueles que iam pra Santo Amaro... mas Santo Amaro era um lugar... que até o bonde chegava.

M: olha, eu achei algumas fotos.

Nesse momento, apresentei algumas fotos, para tentar ativar outras imagens nas lembranças dos dois.

V: Ah, lenis, olha aqui! a Silva Bueno, o Bonde... olha o castelinho lá onde era!

L: Olha como que o bonde andava maravilhoso... [risadas]

M: não mudou nada, tio!

L: então, mas naquele época, já tinha condução boa, sabe?

Observando as fotos novamente, ele apontou:



L: Essa aqui é aquela [árvore] na Estrada das lágrimas?

V: é ela mesma!

L: Mas essa aqui é recente, né?

M: Essa foto deve ser depois da década de 90, já.

L: Ah, então já não tinha mais. Aqui tinha uma placa de metal que tava escrito: onde os jovens na Revolução de 32 os jovens se reuniam... não era bem um exército, eram pessoas que entravam naquilo... mas uma parte era exército. Aqui era onde as mães se reuniam pra se despedir dos filhos.

V: que iam pra guerra.

L: Pra Revolução Constitucionalista.

V: E o bonde, Mateus, era assim mesmo. O cobrador - você acredita? - ia de uma pessoa pra outra, se agarrando assim, pra cobrar. Ele estava sempre fora.

M: Mas ele colocava o dinheiro no bolso?

V: E gozado, ele tinha uma cordinha que quando você pagava, ele puxava: "plim plim, um pra você e outro pra mim!" [risadas]

L: Onde ele pegava, tinha dois couros. Então, quando ele recebia duas passagens, ele pegava aquilo lá e "tchum tchum" e marcava lá!

V: Tinha um 'relojão' assim!

L: Tinha um 'relojão' lá na frente e você via que marcava ali, sabe?

fotos disponíveis em:

http://www.upiranga.com/fotos_antigas/fotosantigas.htm

<https://br.pinterest.com/pin/449867450251575039/?lp=true>

Arquivo histórico Municipal.

<https://www.geoportal.com.br/MemoriaPaulista/>

http://www.upiranga.com/fotos_antigas/fotosantigas.htm

<http://museuportoferreira.blogspot.com/2013/02/cine-anchietarua-silva-bueno-ipiranga.html>

<https://www.cittamobi.com.br/home/terminal-sacoma-onibus/>

<https://claudiobardu.comunidades.net/a-arvore-das-lagrimas>

Uma coisa espetacular [risadas]

Depois das lembranças do bonde e de boas risadas, um curto silêncio trouxe de volta as memórias da família.

L: O Pai Lonso exigia da gente... tinha que ser artista mesmo, pra andar em cima da linha [risadas] Ele era bravo. Ele só não era bravo com a sua avó!

V: Nem com a tia Adelaide! Ele levava ela pra tudo quanto era canto, pra vender banana e amendoim comigo. E ela ia atrás, né, Lenis?

L: Era!

M: Aonde ele pegava as bananas pra vender?

V: No depósito.

M: onde que era?

V: era lá pra baixo, lá na Rua Aida, aqueles lados lá...

L: Banana? o Pai Lonso? Bom, quem chegou a vender banana fui eu, o Zé...

V: mas o vovô também ia. A Tia Adelaide...

M: Iam de carrinho?

V: não, com a cesta.

L: acho que tinha uns 50 centímetros. Larga, uns 25. Então, o português enchia aquilo ali. Ele sabia quantas tinha colocado ali. Não pagava na hora, ia marcando. Normalmente a gente levava duas cestinhas daquela, sabe? e vendia nas ruas ali. A banana era mais verde que a bandeira do Brasil. A gente escutava os carroceiros vendendo e gritando: 'banana pintadinha! banana pintadinha!' Então a gente gritava também. Mas ela estava verde, verde, verde! [risadas]

Em nenhum momento eu tinha dito que seria uma entrevista, mas acho que não deixei claro para eles. Na verdade, no dia anterior, minha avó havia ligado para o irmão, dizendo que eu queria 'fazer algumas perguntas sobre o Sacomã'. Ela nem estava ciente de que iria participar da conversa. Sem se dar conta de que já estavam contribuindo - e muito - com o trabalho, os dois tentaram arrumar a postura:

L: Mas depois a gente continua batendo papo...

V: o que você ia perguntar?

M: Mas era um papo mesmo que eu queria com vocês!

L: É, mas eu não gosto muito de bater papo [risadas]

M: Olha, tio, tem essas história da lagoa no Sacomã...

L: Mas começa pela cerâmica. Olha, eu já conversei com muitas pessoas, de idade até... 'você lembra da cerâmica aqui?' Eu, por exemplo, hoje não lembro exatamente a posição que estava a cerâmica ali no Sacomã. Tem um lugar ali que eu precisaria falar pra você: 'era aqui'. Que tinha um buraco que a cerâmica que fez, um buraco que deveria ter... sei lá, chutando assim, se não tinha uns 30 metros de profundidade, não faltava muito, não. Eles foram afundando aquilo, sabe? um buraco enorme, enorme... Ele começou com um diâmetro grande, onde tirava aquela argila...

Nesse momento, o telefone tocou. Ao final da ligação, outro curto silêncio levou a conversa de volta para o assunto do bonde. Valdira, minha avó, disse para a foto:

V: Qualquer lugar que iam, iam de terno!

M: Se eu não me engano, esse bonde da foto ia pro Jabaquara, mas eu peguei essa foto por causa do modelo do bonde.

V: Ah, mas depois teve bonde 'camarão' aqui.

L: Mas já no fim!

V: É. No fim, mas teve... esse aqui era todo aberto, mas depois teve um que era fechado só de um lado, o outro lado era aberto. Aí depois já no fim, veio o camarão, que era todo fechado, como se fosse um ônibus.

M: Por que falava 'camarão'?

L: Não sei, puseram o apelido de camarão, acho que era porque era tudo vermelho, sabe?

V: Os bondes andavam assim mesmo, a gente pegava ele assim.

M: Cheio?

V: Cheio. E o cobrador passava...

L: Tinha o estribo...

V: Sim, tinha o estribo aqui [na foto, ela apontou para a parte que circunda o bonde, do lado externo] ... os bancos já estavam todos ocupados e as pessoas entravam mesmo assim. Por exemplo, você está aí no banco e entrava uma aqui [levantou e se colocou em pé, de costas para mim] e ficava. Aí, o cobrador se pegava num balaústre.

M: num cano?

V: É. E ele passava de um para o outro, pra ir cobrando as pessoas.

L: E ele tinha um casacão, que tinha mais bolsos que...

V: E eles tinham também uma bolsa a tira colo, lembra?

L: É, e aquele monte de bolso que eles tinham.

V: Muito legal... lembro que tinham uns cobradores que andavam com umas pranchetas e uns bilhetes coloridos...

L: Mas aí já era ônibus.

V: Aí o motorista vinha e cobrava e dava o papelzinho, né?

L: É!

V: E eles eram assim. Se você pegava o nosso ônibus, lá onde a gente mora, você falava: 'bom, eu vou até o Sacomã'. Você falava até onde você ia, aí era um tanto, uma cor de bilhetinho. Se você fosse até o cambuci, era outro preço e outra cor. e se você fosse até a cidade...

L: A praça João Mendes.

V: É, era outro preço!

M: E quando trocou do bonde para o ônibus ali na Silva Bueno?

L: Ah, era isso que eu precisaria levantar.

V: Sua mãe andou de bonde. Quando nós casamos [1962], ainda tinha bonde.

L: Tinha!

M: Mas ali na Silva Bueno?

V: É!

L: Eu não lembro exatamente, essa data quando acabou o bonde. E todo mundo ficou entã... você imagina aquela multidão de trabalhadores que pegavam o

bonde. Aí de repente acabou o bonde, todo mundo pensava: 'e agora? e agora que acabou o bonde?' Achavam que ia ter um retrocesso, sabe?

V: Mas tinha também lá, além do bonde, aquele ônibus, lembra? o Fábrica? que era aquele ônibus elétrico que vinha até o Sacomã?

L: É...

V: Teve um ônibus elétrico na época do bonde... não, não era elétrico. Não sei que combustível que usava, mas ele era baixinho, lembra, Lenis?

L: Lembro!

M: Mas ele não era ligado na fiação?

L: Não, não era elétrico, não. o elétrico vinha pela Avenida Dom Pedro, Tabor, subia a Bom Pastor e entrava na... aquela rua que vem conforme vc chega...

Depois de um pequeno momento de confusão com o nome das ruas, eles chegaram em um consenso:

L: Acho que era pela Bom Pastor mesmo. então esse onibus que você tava falando que era elétrico, ia para o Alto do Ipiranga.

V: Sim, mas tinha esse que ia até o ponto fábrica. porque o Sacomã chamava Ponto Fábrica.

L: O ponto do Sacomã, aí no tempo, era Fábrica. Mudou porque com aquele negócio da cerâmica ir embora, puseram esse apelido no ponto final de Fábrica, mas o lugar ficou tudo Sacomã.

M: O senhor se lembra de quando a fábrica foi embora?

L: Olha, a data não. Mas eu lembro quando acabou. Acabou a cerâmica. O vovô,

Pai Lonso, trabalhou na cerâmica. Quando eles vieram da Espanha, chegaram em Santos, então eles vieram morar na Lino Coutinho, perto da Brigadeiro Jordão, e ali quem informava onde tinha emprego era a Imigração. Porque, às vezes, a pessoa precisava trabalhar, não sabia onde, e eles tinham todas essas informações. Melhor que hoje, hein? o pai nosso foi avisado de serviços, e tinha a cerâmica, então ele foi.

V: A cerâmica não era ali onde hoje é um posto bem grandão, que está desativado, no fim da Silva Bueno?

L: Era logo ali, ali começava a cerâmica. E ela ia um pouco assim pra trás , até onde tem aquele viaduto que passa ali.

M: Bem no finalzinho da Anchieta?

L: É. Eu lembro assim. A cerâmica era grande. Tanto é que aqueles prédios, aqueles sobrados, todos iguais, foi a cerâmica que construiu tudo aquilo, entendeu? E quando eles inventaram de ir embora, porque eles estavam cheios da grana, estavam ricos esses franceses.... até o pai nosso falava o nome deles, era Sacoman Frères o nome deles... então, quando eles foram embora, eles passaram, por dívida ou sei lá porque, tudo para o camarada que tomava conta da parte financeira deles, que fazia a papelada, o Samarone. Todo aquele mundo de casas eles passaram pro Samarone.

M: E eles foram pra onde?

L: Voltaram pra França. Segundo o que o pai nosso falava pra gente.

M: E hoje tem ruas com o nome da família Samarone...

V: Tinha o Cine Samarone...

M: Onde era esse cinema?

V: onde hoje é o Armarinhos Fernando. Ali tinha o Vai e Vem. Falava assim porque no fim de semana, os homens ficavam ali na frente e as moças iam, depois voltavam. [risadas]

L: ali era o Cine Samarone. Tinha um dia da semana, não me lembro mais, era bem baratinho, quase de graça. Era aquele dia que a gente ia. [risadas]

V: Como era o outro?

L: Cine Anchieta.

M: Onde era esse?

V: Era... sabe onde é a Marisa?

L: Comandante Taylor...

V: A entrada era pela Silva Bueno e a saída era pela Comandante Taylor.

L: Outra coisa: o bonde que vinha da cidade em direção ao Ponto Fábrica... tinham dois que vinham pela Silva Bueno, o Fábrica demorava não sei quantas horas um do outro. O outro eu não lembro o nome...

V: Mas ia lá pro Heliópolis

L: Quando ele chegava ali nas proximidades da Greenfeld ele entrava à esquerda na Almirante Delamare, ele subia, ia lá em cima do Heliópolis, dava uma volta, e voltava pra pegar o mesmo caminho do Fábrica. A única coisa que ele fazia de diferente era subir aquele morro. Tinha muito policiamento por causa daquele bonde sair da linha...

V: Ele ia mais ou menos até onde é o hospital Heliópolis, no é?

L: Mas o hospital Heliópolis nem existia.

V: Eu sei. Mas Tinha umas casas bonitas... de vez em quando, Mateus, tinham uns casarões, onde hoje é a favela, muito bonitos. E eu acho que aquele bonde subia até lá por causa daqueles casarões

L: Eu não sei explicar, Valdira, mas aqueles casarões eram daqueles que tinham [dinheiro]... daquela curriola, daquela família.

V: E eram todas iguais.

L: Também não eram rebocadas, que nem essas daqui. Era tijolo à vista. Então era isso aí, ele subia pra pegar aquela gente.

V: Então, em frente onde o Tio Antônio morava, no 3049, né? Você lembra que tinha do lado de cá, era tudo sobradinho, e ali onde hoje é o terminal, de frente assim, era um muro. Lembra daquele muro? um muro alto!

L: Por causa, no nosso tempo, do Clube Atlético Ypiranga. Quem usufruiu bastante tempo dali, daquele lago, de tudo aquilo... foi o Clube Atlético Ypiranga. Ali começava o negócio dos Sacoman. Mais pra frente um pouco tinha aquele buracão lá, onde eles tiravam argila. E do lado direito, onde tem a Rua do Lago, quase já no Moinho Velho, vinha um rizinho pela Tancredo Neves, chegava até o Sacomã, ali naquele lago, e dali continuava. Tudo aquilo tá coberto. Esse rizinho existe. Ele tem uma ligação com aquele rizinho que continua nas Juntas provisórias, mas no Sacomã ele tá todo escondido por baixo.

Mas o CAY tinha uma sede muito boa ali. Sabe? Subindo a Bom Pastor um pouco, vindo do terminal, todo aquele lado em frente onde estava o Tio Antônio, quem usufruia era o CAY. Era fechado. Depois que fizeram aqueles sobrados.

Se sucederam aqui algumas divagações, sobre um amigo que trabalhava em uma carvoaria, com quem jogavam bola em um campinho na Vila Carioca. Logo o assunto voltou para o Sacomã.

V: Lenis, onde tinha aquela casa que tinha um túnel que o ônibus passava por baixo?

L: Aquela casa era a Entrada da Anchieta. Ali onde termina a silva bueno, começa a bom pastor. Ali tinha uma casa...

V: Uma casa grande, quadradona.

L: Na parte de cima. e por baixo...

V: Era um arco.

L: Era! Tinhama os ônibus que iam pra Santos, os carros que iam pra São Bernardo... passavam tudo debaixo daquele arco. Tinha guarda ali. Precisava mesmo, porque era um trânsito... [risadas]

V: Como modificou, né?

L: Que coisa, né?

M: Tem uma foto aí da Via Anchieta, tio.

V: Ah, quando estavam asfaltando... porque a Via Anchieta era uma pista só. Só o lado esquerdo, pra quem sobe. Depois que fizeram o lado direito.

L: Sim!

V: Olha aqui a lagoa, lenis, e o castelinho...

L: Aqui tinha um eucaliptal. Deve ter ainda, na Américo Samarone, subindo, do lado direito... E esse castelo aí, tava ali no começo. Conforme termina a Silva Bueno, um pouco pra frente, ficava esse castelo.

Então, eu conversei com muita gente que nem imagina o porque do Sacomã, nem imagina que existiu isso, sabe?

Ali tinha um lago enorme. Fora esse buracão que eu falei, que fizeram pra tirar argila. Inclusive, ali morreu muito moleque afogado.

V: Morreu muita gente lá.

L: É, se afogavam ali. Até um colega nosso, moleque, que brincava com a gente... morreu lá. Eles iam descendo. Era um diâmetro enorme!

V: Bem grande!

L: Então, o que faziam? Conforme cavavam a primeira parte e paravam, eles não começavam a cavar de novo na beirada do barranco. Começavam uns dois metros e meio pra dentro, distante da parede de terra. Naquela área, a carroça descia... era tudo por carroça. Eles falavam "caçamba". Era uma carroça com um quadrado de um metro e meio por dois, de terra, que carregavam ali. E pra essa carroça descer, tinha uma rampa.

Então ela descia até chegar nesse ponto onde ia começar a aprofundar de novo. Eu calculo, assim de memória, que esse buraco tinha uns 30 metros de profundidade, com uns 7 "degraus". E eles usavam mula e burro, não usavam cavalo.

Nesse momento, novas divagações. Lenis começou a contar sobre uma viagem que fez a trabalho, em Salto, no interior de São Paulo. Disse que lá conheceu terras da família Maluf. Aproveitei que o assunto chegou aí para perguntar sobre o Expresso Tiradentes, idealizado como 'Fura Fila' paulistano, entre as gestões de Paulo Maluf e seu apadrinhado político, Celso Pitta.

M: E, Tio, o senhor já andou de 'Fura Fila'?

L: Então, naquela época, o prefeito era o Pitta. Até houve muita polêmica com aquilo lá, fazer aquilo ali... mas até hoje, eu acho uma condução espetacular. Por exemplo, eu mesmo... quando eu vou no INSS, na Várzea do Carmo, eu ando a pé dali até a avenida do estado. Ali eu pego qualquer ônibus. Daí eu desço na Ana Nery, onde tem um ponto do fura fila. Olha, dali, da Rua Ana Nery, se eu for de ônibus até o Sacomã, vou demorar mais de meia hora. Acho que você já fez bastante esse caminho também...

V: Já, já fiz.

L: Demora mesmo. Se você pega o 'Fura Fila', em dez, doze minutos, você tá no Sacomã.

V: Pra ele, Lenis, acho que seria bom saber como começou assim...

L: Então, quando o Pitta trouxe isso aí, ele falava nos comícios dele que muitos lugares da Europa usavam. E eu acho, na minha opinião, muito bom. Se você pegar um ônibus de manhã, que sai do Sacomã e vai pro Parque Dom Pedro, por um caminho diferente...

V: Leva uma hora!

L: No mínimo! Quando chega naquela Avenida do Estado, é um inferno! Com o 'Fura Fila', em vinte e poucos minutos você chega lá!

Aqui, alguns minutos de conversa foram tomados pra precisar o histórico dos prefeitos que se envolveram nas obras do Expresso Tiradentes. Qual deles idealizou o projeto, qual deles concluiu as obras, quanto tempo demoraram. Depois, direcionei a pergunta para minha avó:

M: A senhora se lembra de mais alguma coisa?

V: Eu lembro que quando a gente ia pra Santos, o ônibus vinha pela Bom Pastor, o 'Gildão', Expresso Brasileiro, passava no pedágio, entrava na Via Anchieta e ia embora!

M: Tem uma outra coisa... como era o comércio da Rua Silva Bueno?

V: Era muito bom!

L: É que agora juntou um monte de coisa ali, sabe?

V: A Lojas Pernambucanas que tinha ali na Silva Bueno com a Greenfeldsó vendia tecidos. Não vendia nada pronto.

L: Naquela época usava muito mandar fazer terno, né, Valdira?

V: É mesmo!

L: Você comprava o pano e aí levava no alfaiate.

M: E tem um alfaiate ali ainda, né?

V: Tem naqueles sobradinhos lá.

L: Na frente do Terminal Sacomã. Até foi ele que socorreu a tia Esperança quando ela ficou ruim. Ele que foi lá ajudar pra levar ela num hospital.

Atual edifício do Grupo Escolar Visconde de Itaúna disponível em: <http://fasescomolua.blogspot.com/2016/04/>



M: Aqueles sobradinhos sempre tiveram comércio?

L: Quais?

M: Aqueles, perto do Grupo Escolar José Escobar.

L: Sim, mas o José Escobar já existia quando nós viemos pra cá.

V: Ah, já! A Adelaide tirou diploma lá.

M: A Senhora estudou no Visconde de Itaúna, né?

V: Sim.

M: E o senhor?

L: Eu estudei no Visconde de Itaúna também, mas não esse aí. Era num casarão... sabe uma loja de ferragens que tem próxima da Lucas Obes? Ali tinha uma Padaria Globo. Depois tinha essa casa de ferragens, Edmundo Vagner (?). Depois vinha o casarão, que era dele também. Eu estudei ali.

Os dois começaram uma descrição interessante sobre a escola, as escadarias, o saguão. Tio Lenis contou sobre as brincadeiras e travessuras durante as aulas de Catecismo, das quais não participava por não ser católico. Falou sobre a bronca que levou do Diretor Osvaldo de Rebouças Carvalho (?). Depois de quase duas horas de conversa, com todas essas lembranças, ainda consegui me surpreender por ele lembrar o nome completo do homem.



*R. Bom Pastor, nº 3049
foto: acervo pessoal, 2019.*

Laerte Toporcov

Advogado e proprietário de imobiliária. Participou de diversas entidades ligadas ao Ipiranga, bairro onde nasceu. Fundador da escola de samba Imperador do Ipiranga. Hoje, aos 81 anos, pesquisa e escreve sobre a história do bairro.

Nosso primeiro encontro aconteceu no dia 27 de setembro de 2019. Foi uma conversa rápida, mas creio que algumas lembranças começaram a ser ati- vadas ali. Laerte mostrou que se interessa bastante pela história do seu bairro, o Ipiranga, que inclusive escreve sobre ela. Por acaso, percebi em uma bandeiri- nha, pendurada na parede de seu escritório, que no dia 27 de setembro se comemora o Aniversário do Ipiranga.

Nesse dia, mostrei as fotos antigas que havia conseguido do Sacomã, as mesmas que mostrei na primeira entrevista, e o inteirei sobre o trabalho. Ele me entregou um material em CD com alguns relatos sobre os bairros da região. Marcamos um novo encontro para o dia 1 de outubro e Laerte me pediu um pequeno questionário por escrito, para que pudesse guiar nossa conversa.

Apesar de não querer que nenhuma entrevista fosse pautada por perguntas prontas, o pedido me esclareceu uma coisa. Nesse caso, seria mais fácil e mais interessante ativar a memória buscando entender a relação entre Ipiranga e Sacomã. Inclusive compreender melhor como os dois se confundem na história e no espaço urbano. Dessa forma, as perguntas foram direcionadas para alguns elementos que, no meu entendimento, conseguiram atrair o olhar de um “ipi- ranguista” para o Sacomã.

M: Então, Doutor, minha primeira pergunta é: o senhor sempre morou no Ipiranga? E o que levou o senhor a estudar o bairro e escrever sobre?

L: Bom, nasci no Ipiranga, quando se nascia ainda em casa, na rua Labatut. Era chamada a enfermeira, né? A parteira! E naquela época, há 81 anos atrás, se

nescia em casa, morei sempre no Ipiranga e sempre vivi aqui no Ipiranga. Estudei aqui também. Antigamente a gente falava o primário, não é? Curso Primário. Eu fiz aqui no Visconde de Itaúna.

M: Minha avó estudou lá também! E o senhor havia me dito que estava escrevendo sobre o bairro também agora...

L: Sim.

M: Como que o senhor iniciou essa pesquisa?

L: É, na parte inicial, a gente está contando alguma coisa sobre o início do bairro, da colonização e tal. E depois, tem a minha participação. Fui presidente de oito entidades aqui do bairro. Por exemplo, quando eu era presidente do Clube dos Lojistas, sempre gostei de promover eventos e tal. Então conversei com o administrador regional, que hoje é Subprefeito, que nós íamos instituir o aniversário do bairro e como nós tínhamos amizade e uma boa liderança com todas entidades, nós convidamos representantes de quase todas entidades do bairro e marcamos para fazer a primeira reunião, para começarmos comemorar o aniversário do bairro. Isso foi em 1980. Já estamos mais de 30 anos aí, comemorando o aniversário do bairro, com eventos de diversas entidades.

Quando eu era presidente da OAB do Ipiranga, da ordem dos advogados do Ipiranga, nós fizemos o concurso para o Hino do bairro do Ipiranga. Fizemos também o concurso para a bandeira do bairro do Ipiranga. Então, tem a bandeira, que é aquela ali [aponta] e nós temos o hino do Ipiranga... [começa a procurar] deve ter alguma letra aqui... Essa você pode levar.

E quando éramos presidentes da sociedade amigos do bairro da Vila Carioca e Vila Independência, nós fundamos a escola de Samba Imperador do Ipiranga. Quer dizer, em cada uma das entidades que eu presidi, alguma coisa aconteceu de diferente, né? [risadas]

M: Alguma coisa o senhor deixou, né? [risadas] Legal. Então, como eu falei, a pesquisa foi me indicando que os dois lugares [Sacomã e Ipiranga] se relacionam. Até o senhor tinha me contado que eram uma coisa só, quer dizer, era tudo Ipiranga por aqui.

L: Sim.

M: E uma das coisas que mais me chamou atenção foi o bonde que, tinha a linha Heliópolis, mas tinha a linha Fábrica, que parava ali no Sacomã. Como era esse bonde? E como que terminou, nesse momento de substituição do bonde pelo ônibus?

L: Veja bem, por que o bonde chamava-se Fábrica? É porque antigamente, ele só ia até a rua dos Sorocabanos, e lá tinha a Fábrica do Jafet. O bonde foi colocado até lá porque antes ia só até o Cambuci. Foi colocado, tendo em vista que tinham muitos empregados nessa fábrica, que era na rua Silva Bueno com a rua dos Sorocabanos. E o bonde passou a se chamar Fábrica devido a essa fábrica que foi inaugurada em 1906. Depois foi estendido aqui pro Ipiranga e ele contornava... você vê que tem um triangulo praticamente, aqui no Sacomã, que pega a Lino Coutinho, Agostinho Gomes e Greenfeld. O Bonde fazia justamente isso: ele ia pela Silva Bueno, pegava a Greenfeld, entrava na Lino Coutinho e dava a volta.

A substituição é a evolução. Tinha uma empresa de ônibus que era A Viação Paulista e a garagem era justamente onde tem o mercado hoje. Era um galpão e lá era a garagem dos ônibus. Esses ônibus eram marrons.

E nós tínhamos o bonde que subia lá pelo Heliópolis. Dava a volta lá. Dificilmente chamavam de Heliópolis. Era o Morro do Penteado. Porque era da família Penteado que tinha diversos terrenos e até casas, eram casas bonitas e tal. Com o tempo, nós tivemos a fábrica de mortadela, a Ceratti. Então, as pessoas pegavam o bonde para comprar a mortadela. Eu sei que meus pais me davam 50 réis, a gente ia, comprava a mortadela e voltava a pé, porque não tinha o dinheiro pra voltar. A re-

gião lá de cima era muito bonita. Onde agora pega toda essa parte da Estrada das Lágrimas, era tudo um campo, e meu pai contava que eles iam lá caçar passarinho. Quando depois houve um problema de alguns grileiros que começaram a colocar as pessoas... começaram a vender lotes dessa área que é praticamente toda invadida. E o crescimento nessa área se deve também à vinda da igreja de Santa Edwiges.

M: Entendi. E o senhor tem outras memórias daquela região?

L: Havia, da igreja, alguma entidade... chamada OSSE (?). Ainda tem. E como minha irmã foi diretora de uma creche lá no Heliópolis, fica mais ou menos perto da igreja, você subindo a Estrada das Lágrimas, a primeira rua tem uma creche. E como ficava muito perto do pessoal da igreja, uma das que frequentava a igreja também trabalhava com a minha irmã nessa creche e o marido dela fazia parte da OSSE. Era Organização Social... não lembro mais. Eu sei que nessa entidade, foi feito um trabalho em conjunto com muita gente daqui do Ipiranga, que foi pra lá ajudar no trabalho, na procissão, na quermesse. Foi uma época que nós tivemos um trabalho em conjunto.

M: Era uma comunidade ativa.

L: Inclusive, tivemos uma eleição pro conselho tutelar... e o interessante: o grupo formado que elegia em São Paulo toda era mais ligado ao PT. E nós pegamos o Valter (?) que era da OSSE, eu fui candidato e um outro. Foi o único bairro, a única região que colocou os 3. O resto era tudo do PT [risadas]. Por causa da popularidade que eles tinham. Por mais que tentaram fazer, nós ganhamos a eleição de lavada

M: Porque vocês estavam perto dali, né?

L: Eram 5 candidatos. Podiam eleger 5, nós elegemos 3.

M: Então, doutor. Para continuar, outro elemento que pode relacionar os dois lugares é o comércio da Rua Silva Bueno. Além disso, eu li um trabalho que fala sobre a situação depois do Terminal, que o comércio mudou na rua. O senhor viu essa mudança?

L: Veja bem, antigamente, aqui na Silva Bueno, principalmente, nessa parte do Sacomã... o Sacomã era famosíssimo no comércio. Com a vinda de grandes empresas e tal, nós perdemos aquele... sentido de bairrismo que tinha aqui, com pequenas empresas, lojas, que eram bem conhecidas.

Era feita uma decoração de natal aqui no bairro e nós ganhamos duas vezes a melhor de São Paulo. Havia muita colaboração. Com a vinda dessas grandes empresas, você não conseguia ter contato. O gerente não podia resolver, pra ajudar a fazer a decoração. Foi perdendo, nunca mais se fez decoração de natal. E era um chamariz pro comércio. E toda a população, tanto do Ipiranga quanto da redondeza, comprava tudo aqui no Sacomã.

Uma das coisas que atrapalhou o bairro do Ipiranga foi depois do falecimento dos filhos do Américo Samarone. E principalmente, o falecimento do próprio Américo Samarone. Foi ele que colocou o cinema aqui, que movimentava bastante. Todos aqueles imóveis e tal eram casas comerciais. Os netos do Américo Samarone, e os filhos também, começaram a aumentar muito o aluguel dos imóveis e, com isso, nós ficamos com muitos imóveis desocupados, como estão até hoje, tendo em vista o preço dos alugueis.

M: De fato, hoje a gente passa na Silva Bueno e vê muitas lojas que são franquias de empresas grandes...

L: Sim... e quando nós fomos uma vez conversar com os herdeiros -- porque interessava pro Ipiranga, através do clube dos lojistas, movimentar aquela parte pra

ver se abaixavam os alugueis -- nós recebemos a seguinte resposta: 'nós temos mil imóveis. Cinquenta, até cem, a mais ou a menos, desocupados, tanto faz.' Aquilo foi...

E o Kalil Dama, que era presidente do clube dos lojistas, e era da empresa Damatex -- que foi uma das maiores que nós tínhamos aqui, de tecidos e tal -- ele pôs no jornal, xingando. Depois foi processado legalmente. [risadas]

M: Outra coisa que é importante pensar, para o Sacomã, é o Fura Fila. Estudando um pouco as obras dele, soube que também houve muitos impactos no Ipiranga, naquela região das Juntas Provisórias. Enfim, gostaria que o senhor comentasse um pouco sobre isso.

L: Houve muita polêmica com o problema do Fura Fila. Inclusive, a Marta [Suplicy] quando era prefeita, falou que o Fura Fila ia do nada para o nada. Ao invés, não! É um meio de transporte, e modificou toda aquela estrutura que havia no Sacomã

M: Sim. E o Senhor já andou de fura fila?

L: Bastante!

M: É um meio eficiente de transporte?

L: Exato, em 10 minutos, você está lá no Parque Dom Pedro! É uma beleza. E é mais um meio! Depois, veio ainda o metrô, ou seja, em 10 minutos você está no centro da cidade. Quer dizer, deu uma movimentação.

Uma das coisas que antigamente que marcava muito o Sacomã era na rua Lino Coutinho, naquela curva, quase esquina com a Silva Bueno, tinha uma pastelaria. Essa era muito famosa. Então, os ônibus que iam para o litoral paravam lá. Então, tendo em vista essa movimentação dos ônibus que iam pro litoral, essa pastelaria,

também tinha um lugar onde se fazia um Bauru, muito famoso na Bom Pastor, seria onde tem uma serraria hoje.

M: Depois da Kalunga?

L: Exato, quase ao lado da Kalunga. Vinha gente de Santo André, de Santos e tal, passavam lá pra comer esse Bauru. Então tinha esse lugar, a pastelaria, os ônibus... Inclusive tinha o expresso, que era um carro que usavam pra ir pro litoral. Quem tinha pressa, pegava esse “deluxe” que existia lá.

M: O senhor também tem uma relação com o Clube Atlético Ypiranga, né? E eles tiveram uma sede ali. Parece, segundo o site deles, que a família Samarone despejou eles dali...

L: É. O que aconteceu foi que o Américo Samarone - eu o conheci... e conheci também a amante dele, que morava na rua 2 de julho [risadas] - o Samarone recebia o título de Comendador Américo Samarone e tal... Se o CAY [Clube Atlético ypiranga], e naquela época era o Mario Telles o presidente, tivesse colocado o nome do Samarone em algum lugar... por exemplo, nós tínhamos a prova ciclística. Pra enfeitiá-lo, vai... Não, ao invés disso, o Mario Telles, naquela oportunidade, era vereador e falou que ia desapropriar tudo aquilo lá e tal. O Samarone despejou o clube. A lagoa que tinha lá foi represada, foi canalizada, né? E acabou com o CAY. Outra coisa que nós tivemos ao lado -- e isso era anterior ainda -- era uma área da Light. Foi o primeiro campo iluminado, acho que do mundo, ao lado de onde era o CAY.

M: campo de futebol?

L: Campo de futebol.

M: E o senhor sabe me dizer que época mais ou menos isso aconteceu?

L: Acho que foi em 1953, 52... não lembro ao certo...

M: Tudo bem! Outra pergunta que eu tinha pro senhor era: eu não encontrei em nenhum lugar uma foto do edifício da cerâmica. O senhor consegue fazer uma descrição dele?

L: Eu só lembro que era um galpão do lado esquerdo, em frente, tinha aquele negócio fechado que te falei, que os carros passavam por baixo -- o Pedágio -- Eu acho que você pode encontrar essa foto na Folha de S. Paulo. E no outro lado o casarão. E eu lembro vagamente que ele ficava um pouco mais abaixo... acho que aquele alfaiate que te falei vai poder te falar alguma coisa nesse sentido. Como te falei, eu vivia mais atrás do museu, por exemplo. Tava o Jaú -- era um avião e tal -- tinham dois "fordecos" lá. Isso eu lembro muito bem, viu? tinha uma cobertura assim...

M: Entendi! Mas olha, voltando a falar do clube, o senhor conheceu as pessoas que trabalharam?

L: Conheci! Eu lembro muito bem, e acho que até faz um ano que faleceu, um dos últimos jogadores de basquete do Clube Atlético Ypiranga. Era uma equipe de basquete campeã. Eu lembro que um dos últimos jogos que eu assisti foi Corinthians e Ypiranga. Antigamente, as famílias não tinham posses, os pais eram trabalhadores, e a garotada procurava ficar de militante. Então eu fui *sparring* de basquete. Eu digo *sparring* porque o técnico me colocava faltando um segundo pra acabar o jogo, só pra eu ganhar a medalha [risadas] mas com isso, eu frequentava, tinha carteirinha do Clube. Depois eu comecei a disputar também no Atletismo. Depois eu fui para o Paulistano, que também interessava frequentar e tal... e fiquei como um militante no Paulistano, nos 100 metros rasos.

M: O senhor frequentava já na sede nova, na rua do Manifesto, certo?

L: Sim, sim. Eu sou conselheiro há 43 anos. Sou associado desde 1970.

E uma das coisas que o clube fazia e levava todo mundo era a Festa Junina. A fogueira era feita no meio do lago. Eles punham as madeiras e depois, numa certa hora, acendiam a fogueira. E o churrasco que eles faziam, eles colocavam em toveis a carne cortada em bife com alho e vinagre... você sabe que eu já tentei várias vezes colocar vinagre na carne, pra sentir aquele gosto? [risadas] Sabe, eram uns bifes maiores, depois tinha pão. A carne até saía do pão! A festa junina aí era corridíssima.

M: Muito Interessante! Doutor, eu vi aqui no hino que o senhor me entregou, que ele cita a figueira das lágrimas. O senhor se lembra de algum episódio com ela?

Ipiranga, berço do Brasil / Onde o sol da liberdade despontou / Despertando a nação pra sua glória / Da colina um brado heroico ecoou / No caminho para o mar tu és passagem / Sob a sombra da figueira, as despedidas / És altar de um povo religioso / Tens a força e o migrante tu abrigas

Oh, meu Ipiranga / Meu coração bate por ti / Nestes versos eternizo / A grandeza deste bairro onde eu cresci.

Teus museus contam nossa história / Tuas obras são monumentais / Dos destinos do país és a partida / Patrimônio secular tu és memoria / Chão amado, porta da cultura / Tuas ruas nos recordam grandes vultos / Do passado ao presente és cantado / Solo fértil, és tão belo, és pintura

L: Tinha uma placa, eu tentei lembrar os dizeres mas não consegui... roubaram aquela placa. Eu até escrevi no jornal e tudo -- porque durante 50 anos eu estive

na Gazeta do Ipiranga --, então desci a lenha, disse que não era possível uma coisa dessas. Eu até conhecia a vizinha, ela ainda está viva, ela que cuidava um pouco da árvore. E roubaram aquela placa que era comemorativa.

M: Essa senhora ainda mora ali?

L: Mora.

M: E o senhor sabe por que a árvore se chama assim?

L: Por causa da Guerra do Paraguai! A despedida era feita porque quando iam para o exterior era de navio. Então a passagem e a despedida das famílias era feita ali. Que era o caminho do mar esse, né?

M: É, era um dos poucos caminhos que levava até o porto de Santos.

L: Exato.

Quando eu já ia quase me despedindo, ele me entregou um folheto com um roteiro histórico sobre alguns pontos de interesse no Ipiranga:

L: Olha, nós tínhamos um marco ali... foi colocado na Rua Silva Bueno [me mostrando no folheto]. Tinha um na rua Tabor e havia um, também aqui no Sacomã. Esse era um marco do Caminho do Mar.

M: Esse aqui ainda está lá?

L: Esse ainda está.

M: [lendo o folheto] Está em processo de tombamento... legal!

Depois disso, ele me contou sobre seus textos no site Independência ou morte e me recomendou o Museu Vicente de Azevedo, para conhecer mais um pouco sobre a história do Ipiranga. Me contou a história do pai, que entrou no banco como office boy saiu como procurador, numa época em que isso era possível. Por fim, lembrou de quando a família se mudou pro lugar onde seria o começo da Vila Carioca, quando se comprava o terreno e junto vinham 5 mil tijolos para construir.

Décio di Berardini

Com 81 anos, ainda exerce sua profissão de alfaiate. Mora no Sacomã desde 1938, quando tinha 3 meses de idade, nos fundos da alfaiataria que herdou do pai, de frente para o Terminal.

No meu primeiro encontro com o sr. Décio, apresentei rapidamente a minha pesquisa e pedi que marcássemos uma conversa. Ele me disse que o Dr. Laerte já o havia inteirado sobre o meu trabalho e com a maior disponibilidade, aceitou participar. Comentou que já estava famoso por falar sobre a sua vida no Sacomã. Além disso, comentamos sobre o episódio que apareceu na primira entrevista, com Lenis e Valdira, de quando ele socorreu D. Esperança, esposa do Tio Antônio.

Uma semana depois, voltei à alfaiataria para falar com ele.

Mateus: Sr. Décio, para falar a verdade, eu não preparei uma pergunta em específico pro senhor, mas a gente pode começar do começo. Como a família do senhor chegou aqui?

Décio: Bom, o meu pai se estabeleceu aqui com lavanderia, dia 15 de novembro de 1938. E ele trabalhou como tintureiro, fazendo serviço de lavanderia. Em 1966, eu estava desempregado e vim pra cá. Daí, meu cunhado era alfaiate e eu coloquei a alfaiataria. Arrumamos um bom profissional e fomos tocando. De repente eu estava vendendo 50 calças numa semana, 40. Foi dando certo porque a gente já tinha a freguesia da lavanderia aqui, né? E pra todo pessoal que trazia a roupa pra lavar, eu oferecia o serviço. Quando meu pai ficou velho, não dava mais pra trabalhar, eu encerrei a lavanderia.

M: E o senhor mora por aqui?

D: Eu sempre morei *aqui*. Quando meu pai tinha lavanderia, meu cunhado tra-

balhava com ele desde menino. Depois ele casou com a minha irmã. E como aqui no fundo tem 2 quartos, sala, cozinha e banheiro, meu pai morava aqui com a família toda. Daí nós mudamos pro 3037 dessa mesma rua e a minha irmã veio morar com o marido aqui. Depois ele saiu, foi trabalhar na Rádiotécnica Sacomã -- inclusive comprou a loja -- e deixou vago aqui. Quando eu casei, fui morar com a minha esposa na Rua Costa Aguiar. Morei 2 anos lá e depois eu vim pra cá.

M: Essa loja era aqui na Silva Bueno?

D: Na rua Lino Coutinho. Na Silva Bueno era a loja do meu irmão. Eu trabalhava com ele lá de balcônista, vendendo disco.

M: O que o senhor acha do comércio daqui?

D: A maior parte dos comerciantes aí da Silva Bueno tinha o comércio embaixo e morava em cima. E mudou, mesmo! Naquela época, como eles moravam em cima, eles deixavam em exposição as vitrines, abertas. Mais ou menos, 10h/10h30 da noite, eles fechavam a porta. E tinha a Padaria Cidade, por exemplo, que ficava aberta dia e noite, não fechava.

Mudou, lógico! Hoje você sai aí, às 8 horas da noite, dá medo de andar na Silva Bueno, com tudo fechado. Naquela época, o comércio era bem ativo. Não era permitido, mas a maioria dos comerciantes funcionavam até tarde, porque moravam ali. Não existia televisão na época e se existia era muito pouco. O bairro mudou muito, né?

M: O senhor tem alguma memória do bonde?

D: Do bonde? Lógico! O Bonde vinha da Praça João Mendes, pela Silva Bueno, fazia o retorno na rua Greenfeld, entrava na Lino Coutinho e voltava pela Silva Bueno. Aquele pedaço ali da Lino Coutinho era o ponto mais valorizado, porque

o pessoal vinha das Indústrias que tinham aí, o Jafet, a Linhas Correntes, tantas outras. E desciam ali. Então, às 17h, 17h30 isso era um corredor bem movimentado, né? Porque não tinha condução pra cima, pro Moinho Velho, pra Estrada das Lágrimas. Então o pessoal descarregava tudo lá e ia a pé.

Eu lembro que tinha temporada que eles vendiam uva passa. Era um monte de marreteiros, perto um do outro, vendendo caixinhas de uva passa. Tinha os amen-doinzeiros. Era uma farra na hora que o pessoal descia do bonde! [risadas]

E tinha um bonde que servia o pessoal do Heliópolis. Porque não tinha nada ali, né? Só tinha um conjunto de casas, que não sei se existe ainda... Passando o frigorífico Ceratti, na Almirante Delamare, antes de chegar em São Caetano. Era o conjunto dos bancários, se não me engano. E tinha um bonde que subia. Era demorado... chamava-se Heliópolis. Chamávamos de morro dos Penteado, da família dos Penteado.

Era legal... até 1952, teve o Clube Atlético Ypiranga aqui na nossa frente...

M: Como era essa paisagem?

D: Aqui tinha o castelinho do Samarone -- tenho uma fotografia aí --, passando o castelinho, tinha uma lagoa, a "lagoa da morte", que pertencia à Cerâmica Sacoman, daonde eles tiravam argila. Naquela época, lógico, não tinha o trânsito que tem hoje, né? Já tinha a Via Anchieta mas não tinha esse movimento todo. Então atravessando, as carrocinhas vinham trazendo argila, o barro, daqui pra cá. E era daonde eles tiravam água também, pra manusear o barro. E aqui na nossa frente tinha outra lagoa, que era do Clube Atlético Ypiranga, que estava num terreno que pertencia ao Samarone. E nesse corredor aqui, até chegar lá na rua do Tanque, era eucalipto. Tudo fechado, né? Teve uma temporada que o Samarone permitia que o pessoal passasse por aqui pra alcançar a rua da Chácara, subir a rua do tanque, pra chegar no moinho velho, mas depois ele fechou.

Quando o velho Samarone morreu, o filho dele loteou toda essa parte aqui em cima. Aí tiveram que abrir esse pedaço.

M: O senhor conheceu o Américo Samarone?

D: Conheci!

M: Ele era o proprietário desses sobradinhos aqui?

D: Sim! Tudo isso aqui.

M: Vocês alugavam dele?

D: O escritório dele, se não me engano, era no fundo da rua Direita... naquela rua... não lembro o nome. Mas ele tinha um cobrador, né? Um tal de Armando. Isso aqui era tudo dele. E ele fez as partilhas em vida. Ele teve dois filhos: o Américo Samarone Júnior e José Hilário Samarone.

Onde era a Cerâmica Sacoman, o seu Américo, o velho, vendeu pro Açucar União. Por um certo tempo eles ainda tocaram a Cerâmica, mas acho que não deu o lucro que eles esperavam que desse. Eles fecharam a Cerâmica e lotearam. Aonde hoje é a Manuel Buchard. A parte da frente era aonde é a Praça Monte Azul. Depois foi tudo desapropriado, né?

M: E o senhor se lembra de como era o galpão?

D: Era passando o posto de gasolina, hoje é o estacionamento. Ia até onde é a Manuel Buchard. Eu lembro! Lembro até dos carroceiros atravessando um atrás do outro, da bomba que puxava a água... Eu lembro quando o velho Samarone construiu esse comércio da rua Lino Coutinho. A gente jogava bola naquele pedaço, eu era menino.

Nesse momento, sr. Décio se levantou e começou a mexer nos armários da alfaiataria, procurando seus arquivos. De uma pasta, ele tirou algumas report-

agens e fotografias.

M: O senhor separou tudo certinho!

D: Eu gosto, né? Olha, já dei outras entrevistas, olha eu aí! Dando entrevista pra Gazeta do Ipiranga.

Além da reportagem, ele me mostrou uma série de fotos, muitas delas iguais às que eu usei em outras entrevistas. Entre elas, a casa dos Samarone

D: Quem construiu foram os Saccoman. Os fundadores do bairro, né? Eles vieram pra cá pra construir as telhas francesas. Antigamente, as telhas eram aquelas feitas nas coxas, né? Depois veio, com esses três irmãos, a telha francesa. Depois que o mais velho morreu -- tem histórias diferentes, né? -- o Samarone comprou dos Saccoman. Mas foi o velho Samarone que depois deu o impulso no bairro. Ele construiu muito...

Ele se levantou novamente e pegou outra foto. Dessa vez, a foto aérea da lagoa do tanque dos Saccoman, presente na tese de Claudia Soares sobre o Heiópolis. Apontando no mapa, ele nos localizou.

D: É uma foto de 1933.

M: Que legal! Esse jardim era terreno do Samarone?

D: Isso aqui eram aquelas castanhas portuguesas. Sabe aquela que você come coizada, no natal?

M: Sei!



Fotos do acervo pessoal de Décio, 2019.



D: A gente atravessava o lago porque tinha um amigo que morava aqui em cima, na Américo Samarone. A molecada me falava e eu não acreditava, que aquela bola cheia de espinho é a castanha! [risadas] É porque são duas e elas se cruzam dentro da bolinha.

M: Ah, Entendi!

D: Essa aqui [apontando] é a rua Anátole France hoje. Nesse pico aqui é o colégio Gualter.

M: Ah, sim, conheço! E Esse campo era do Clube Atlético?

D: Nessa época, era explorado pela Light, depois que veio o Ypiranga. Então, aí tem a rua do Parque, rua do Lago. Era tudo alusivo a isso aqui, o parque da Light. O campo de futebol do Ypiranga era na rua do Sorocabanos, era propriedade do Jafet.

Mais uma vez ele se levantou e foi buscar um livro.

D: Todo ano saia uma revista em comemoração ao aniversário do Ypiranga. Olha que legal! [abrindo na primeira página] Essa é de 1943. Não sei se foi a primeira, mas a partir dessa data, meu cunhado guardava. Esse aqui era o Barbosa, da seleção de 50. Ele foi crucificado porque a seleção perdeu no Maracanã pro Uruguai. Acho que você conhece a história, né? Ele saiu daqui do Ypiranga, depois foi pro Vasco.

M: Que interessante!

D: A entrada do clube era no número 3000. Um casarão antigo, velho... mas era bonito pra chuchu! Eu lembro quando o Ypiranga construiu a primeira quadra

de basquete coberta. Quando eu era menino, eu via os bate-estacas, pra fazer a fundação do prédio.

M: O doutor Laerte falou que jogou um pouco de basquete aí no Ypiranga.

D: É mesmo?

M: É. Como o senhor o conheceu?

D: Na verdade, através do meu cunhado, o ChaCha (?). Ele passava aí, ficavam batendo papo. Ele foi candidato a vereador, numa época aí...

M: Entendi... Sr. Décio, depois do bonde, tiveram algumas linhas de ônibus na Silva Bueno, certo? Mas como está o movimento depois que chegou o terminal?

D: Olha, você sabe que... eu não sei se mudou o movimento por causa do terminal. Quer dizer, a gente via o pessoal do Moinho Velho passando por aqui. Sempre, todo dia, você via as mesmas pessoas, né? Depois que fizeram todo esse complexo, esse pessoal a gente já não ve mais. Tá certo que já se passou o tempo, mas não se vê o fluxo de pessoas que ia pra lá, porque foi tudo interrompido. Aqui, por causa do metrô, na parte da manhã, tem um movimento bom. Mas agora à tarde, vê aí, não passa ninguém. Hoje passa muito carro, mas naquela época era fluxo de gente mesmo!

Quando o Clube tava aí também, aqui era muito gostoso. O Ypiranga trazia gente de todo lado! De domingo a noite, eles botavam alto falante, não muito alto, mas a gente ouvia as músicas que tocavam no salão de baile.

M: Agora tem muito barulho de ônibus aqui!

D: E quando eu era menino, era a boiada que passava aí na frente! Porque aqui era a saída pra via Anchieta, tinha o pessoal que ia pra Santos. Depois de um certo tempo, tinham os onibus da Cometa. No começo não tinham os pontos de venda de passagem, então o fiscal ficava aqui nessa esquina, num bar. O Zé Paraibano. Ele pegou amizade com a gente. Depois quando o Ypiranga saiu daí, o Samarone construiu aí na frente. Ali tinha o São Paulo-Santos, um restaurante famoso, uma agência que vendia passagem... depois foi desapropriado, né?

Décio começou a lembrar das agências de ônibus que se instalaram ali, vendendo passagens, no início da Via Anchieta, o que facilitava a viagem para o litoral. Lembrou também das várias padarias, movimentadas por causa dos viajantes; das caravanias que vinham de Santos quando o time da cidade vinha jogar no estádio Pacaembu. Depois disso, a conversa voltou para o bonde e a Companhia light.

D: Aqui na rua Silva bueno e na rua Arroio Hondó, e depois na Lino Coutinho, a Light construiu pros seus funcionários, umas casinhas. Motorneiros, cobradores que trabalhavam pra Light. Não a parte elétrica, a parte do Bonde. E da rua Greenfeld até a rua Comandante Taylor, também era dos funcionários da Light. E sábado e domingo, no meu tempo de moleque, a gente fazia o vai e vem. Os moços ficavam ou na calçada ou escostados na parede. e as meninas ficavam circulando, vai e vem. E ali saiam alguns casais! [risadas] Eu mesmo casei com uma garota que eu conheci no vai e vem, minha esposa até hoje!

Pedi para tirar fotos da coletânea que ele juntou sobre o Sacomã. Depois, começamos a conversar sobre o processo de tombamento do conjunto de sobrados e ele me disse que recebeu a notificação da família Samarone, até hoje proprietária do conjunto, já na terceira geração, para que não fizesse nenhuma alteração no edifício. Nesse momento, sr. Décio me contou também que o casarão da família foi demolido assim que eles souberam do interesse pelo seu tombamento.

D: Ele [neto do velho Samarone] disse que o processo de tombamento daqui tava passando por causa do saudosismo de alguns inquilinos. E que se alguém viesse pedir pra eu dar entrevista, pra eu mandar pra ele... [risadas] ele não pode me impedir de falar, poxa! É minha vida! Passei a minha vida nesse pedaço, porque eu tenho que deixar de falar sobre a minha vida?

Eu tinha uma irmã, esposa do ChaCha. Ela morreu com 93 anos, faz dois anos. E ela vinha todo dia aqui, porque ela morava na Silva Bueno. Ela sentava nessa cadeira aí, virava pra cá e a gente ficava conversando. E eu perguntava: "você lembra do pessoal que morava aqui?". Porque eu tinha três meses, mas ela era uma moçinha. E ela lembrava de tudo. Eu lembro um pouco também. Por exemplo, antes do seu tio [Antonio], era uma familia de Libaneses, que tinha uma loja na 25 de Março. Nessa casa aí, a cozinha é maior, porque seu Tio mudou.



parte 3 Verde

Figueira das Lágrimas, 2019

foto: acervo pessoal

Figueira das Lágrimas

narrativa

À beira da Estrada das Lágrimas, na altura do número 510, se encontra o único elemento que assistiu a todas as transformações no Sacomã desde antes do recorte temporal da pesquisa, com a instalação da cerâmica, em 1895. Como mostra a cartografia, mesmo com a expansão da cidade, a figueira-brava (*Ficus guapoī*), de espécie originária do Paraguai e do Brasil e que ficou conhecida como Figueira das Lágrimas, sobrevive até os dias de hoje.

A árvore chamava a atenção daqueles que vinham à São Paulo, delimitando a entrada da cidade, para os viajantes que subiam a serra pelo Caminho Velho de Santos. Essa estrada receberia depois o mesmo nome, que aparece em relatos de viajantes, desde meados do século XIX. No texto de Roseli D'elboux (2018) sobre as figueiras históricas de São Paulo, está apresentado o relato de viagem escrito em 1861 por Augusto Zaluar:

Pouco mais adiante do Ipiranga encontra-se uma belíssima figueira brava, cujos galhos, bracejando em sanefas de verdura, formam um docel [sic] em toda a largura da estrada. É este o sítio das despedidas saudosas. Aqui vem abraçar-se e jurar eterna amizade aqueles que se separam, para em opostas direções da estrada seguirem depois, e quantas vezes na vida, um caminho e um destino também diversos. É conhecida esta figueira pelo poético nome de Árvore das Lágrimas. É tão doce a frescura que exala, tão suave a sombra que projeta, que muitas vezes o corpo fatigado do viajante pelo calor desses descampados, deita-se e adormece ao suspirar do vento que sussurra na ramagem, e ao canto solitário de algum sabiá namorado que desfere nas asas da viração as endeixas sentidas de suas canções amorosas! Ao lado desta árvore fica um rancho de

tropeiros, onde também se abrigam e descansam muitas vezes as pessoas que transitam por estas paragens.

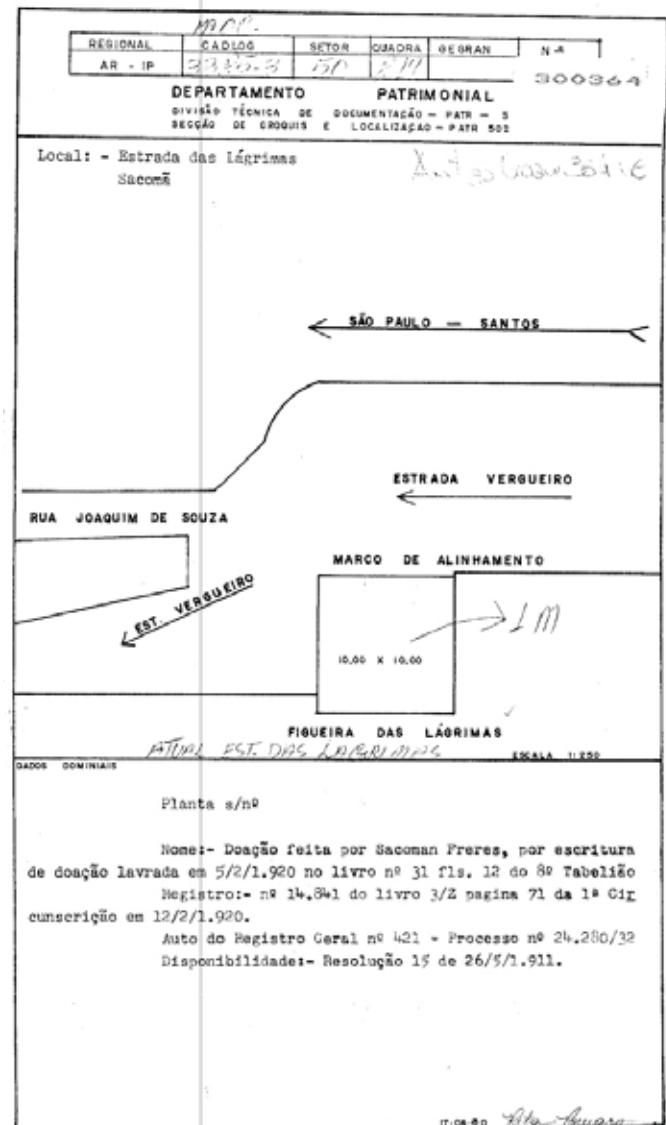
(ZALUAR, 1861. Apud: D'ELBOUX, 2018, p. 30)

D'Elboux mostra, a partir de artigos em jornais, que as despedidas sob a Figueira ocorreram em diversos momentos da história de São Paulo. Seja nas históricas viagens dos tropeiros, seja nas viagens a estudo ou a trabalho, seja na ocasião da Guerra do Paraguai, quando a árvore foi oficialmente o limite até onde os soldados poderiam ser acompanhados por suas famílias, também segundo textos publicados em jornais. Entretanto, com a inauguração da ferrovia para o litoral, em 1867, o movimento de viajantes pela Estrada Velha (ou Estrada da Maioridade) cai significativamente. O palco das despedidas dos paulistanos passa a ser a Estação da Luz.

O que se conclui com essas publicações é que a preocupação com a preservação da Figueira das Lágrimas é antiga, uma vez que surgem como respostas às diversas tentativas de remoção da árvore, na virada do século XX. Esquecida, a Figueira das lágrimas sofria -- inclusive fisicamente, a golpes de machado --, encurralada pelo mercado imobiliário, resultado do fenômeno de crescimento urbano e especulação das chácaras ao redor da cidade. Em outras palavras, todos estes autores tentaram reconstruir o discurso de sua inserção na história da cidade, fazendo memória a todos que se despediram ali. (D'ELBOUX, 2018, pp. 30-31)

Essa atitude produziu bons frutos. Simultaneamente à chegada dos automóveis e a reativação do Caminho do Mar, a repercussão das publicações teria feito com que os Saccoman, proprietários do terreno em 1911, doassem uma parcela de 10 metros quadrados ao patrimônio, que corresponderia à área de preservação da árvore. Nesse momento a Figueira das Lágrimas retoma seu caráter de marco histórico na paisagem do Ipiranga (mesmo que no termo de doação, lavrado em 1920, já conste a palavra “Sacomã” como localização, na sua forma adaptada à língua portuguesa). Era homenageada no dia da Árvore, como em 1937, quando recebeu uma placa comemorativa com dizeres do historiador Eugênio Egas. De

*Termo de Doação do terreno que contém a Árvore das Lágrimas, 1920.
(D'ELBOUX, 2018, p. 37)*



*Placa comemorativa com texto de Eugênio Egas, 1953.
(D'ELBOUX, 2018, p. 37)*

fato, a mobilização em torno da Figueira das Lágrimas se refletiu na maior parte da cartografia a partir de 1920. Seja em plantas gerais da cidade, seja em quaisquer mapas de arrendamento da região, a localização da figueira na cidade passou a ser representada.

Entretanto, continuando a pesquisa pelas publicações nos jornais, D'Elboux percebe que na década de 1940 aparecem novamente alguns autores que alertam para o esquecimento da figueira, por parte da administração e da população. A despeito de alguns “esforços isolados para a manutenção de sua memória e de sua própria materialidade”, a árvore desaparece novamente da cartografia, reflexo de um novo período de abandono. Em 1972, o tombamento dos bens históricos ao longo do Caminho do Mar poderia ter sinalizado o caminho para a sua preservação, entretanto foi tímido o texto sobre as razões de seu tombamento, para dizer o mínimo, onde nem sequer é citada a sua relação histórica com as despedidas dos viajantes da cidade de São Paulo. (D'ELBOUX, 2018, p. 38) A saúde da Figueira das Lágrimas acompanhou essa mesma instabilidade. A linha do tempo de D'Elboux mostra como, desde a poda de 1909, a árvore se recuperava e logo depois, sofria novos ataques. Protegida pelo Decreto nº 30.443, de 20 de setembro de 1989, por sua “beleza e raridade”, ela persiste, doente e disputando espaço com uma figueira “filha”, uma figueira-benjamina (*Ficus microcarpa* l.), “espécie exótica e agressiva”. (D'ELBOUX, 2018, p. 41)

últimas notícias



Dona Yara e Ricardo Cardim, 2017.
Foto: Yara Rodrigues Caldas



Plantio da muda clonada a partir da Figueira das Lágrimas, 2017.
Fotos: Yara Rodrigues Caldas

As últimas notícias do estado de conservação da Figueira das Lágrimas não são animadoras. Os ataques à árvore não cessaram e em sua maioria, são arquitetados pela própria administração municipal, que não estabeleceu uma zeladoria específica e especializada. A reportagem veiculada no site G1, no dia 17 de julho de 2017, mostra que as raízes são cortadas sem a supervisão e orientação de biólogos.

A reportagem apresenta também duas figuras importantes na luta contra a destruição da figueira. A primeira delas é o biólogo Ricardo Cardim. Na tentativa de salvar o exemplar de figueira-brava, com a ajuda do Laboratório de Clonagem Vegetal da Universidade de São Paulo, ele conseguiu criar mudas e sementes a partir da figueira na Estrada das Lágrimas, a serem plantadas em diversos parques da cidade. Duas mudas já foram plantadas em 2017, no Parque do Ibirapuera e no Parque Villa Lobos.

A outra figura é Yara Rodrigues Caldas, dona da casa número 515, construída ao lado da figueira. Dona Yara exerce um papel de zeladoria incansável, além de ser uma representante popular da Figueira das Lágrimas, denunciando as inúmeras obras irresponsáveis realizadas pela gestão municipal no espaço reservado à ela. A última delas, entre os meses de julho e setembro de 2019, foi relatada em nossa conversa, transcrita a seguir.

Yara Rodrigues Caldas

Motorista de ônibus aposentada. Em 1971 comprou a casa 515, ao lado da Figueira das Lágrimas. Desde então, zela pela organização do espaço e pela saúde da árvore tombada.

Minha visita à casa de Dona Yara aconteceu no dia 29 de outubro de 2019, pela manhã. Assim que eu cheguei no lugar, percebi que o espaço da Figueira das Lágrimas tinha sido transformado. Logo no começo da conversa, Dona Yara já demonstrou imensa insatisfação com as obras mais recentes, realizadas pela Prefeitura há dois meses. Ela não se conformava que o espaço onde a figueira se encontra -- área que ela diz pertencer ao seu terreno -- tivesse sofrido aquelas alterações. Segundo Dona Yara, a remoção do gradio e a instalação de bancos está atraíndo usuários de drogas, além de deixar a sua casa vulnerável a invasões.

Yara: De manhã, você chega aqui e tem um pessoal dormindo!

Mateus: Há quanto tempo a senhora mora aqui?

Y: Fazem 41 anos que eu moro aqui e que eu cuido da árvore. Eu tenho vídeos pra te mostrar. As crianças entravam aqui, brincavam, ficavam o dia inteiro aqui, depois da escola faziam piquenique! Era tudo limpinho! E agora... "ah tem que ficar tudo aberto, pra todo mundo ver!" Como que as crianças vão vir pra cá agora, com esse monte de coisa errada que vai ter? Com o que tá acontecendo, não tem como!

M: E quando a prefeitura veio aqui, alguém deu notícia da saúde da figueira?

Y: Não me falaram mais nada, cortaram as raízes... as raízes que o Ubiratan conseguiu fazer... tá lá em casa, eu guardei. Desse tamanho, ó, as raízes que eles tiraram daí!

M: Quando vieram aqui?

Y: Faz uns dois, três meses. O Ubiratan levou quase vinte anos pra fazer crescer essas raízes!

M: Quem é Ubiratan?

Y: Era o antigo agrônomo que tomava conta dela. Ele aposentou. Ele deve estar se mordendo com esse crime que fizeram! Eu não sei como não cortaram os filhotes dela ali, que eu tava protegendo mais que tudo!

Você sabe que o [biólogo] Ricardo Cardim clonou ela, né? E eu fui plantar a muda lá no Ibirapuera, fui convidada a ir lá. Tem uma plaquinha lá, com meu nome e tudo, no Lago da Paz. Aí depois, ela não me solta aqueles dois brotos ali? Eu tava protegendo, agora tá exposto, olha!

Ao invés de fazer alguma coisa pra preservar mais -- tá certo, botar lâmpada e tudo, tinha que fazer, mas não fazer desse jeito que tá aqui!

M: Tudo aberto...

Y: Tiraram os muros de proteção. Quem tinha interesse de entrar eram só as crianças com as escolas, gente grande vinha ver por fora. E eu sempre tava em casa, eu abria pra turma entrar. Agora tá tudo exposto assim!

M: O que mais eles tiraram?

Y: As pedras! Ali tinham pedras todas talhadas que vieram da Itália, iguais às do Museu do Ipiranga. Só sobrou aquela dali, olha, eram todas iguais.

E é um absurdo a Prefeitura dizer que está gastando quase 100 mil reais pra fazer isso! Tem que ter uma auditoria, alguma coisa! É uma vergonha!

Nesse momento, ela começou a apontar espaços que ficaram vulneráveis

em sua casa depois da reforma. Ela também mostrou os pontos de onde cortaram as raízes da figueira. A todo momento na conversa, dona Yara convocava ações de resposta às obras da prefeitura. Já dentro de sua casa, ela começou a separar o que guardou: pedaços da raiz, pedras entalhadas, tijolos removidos.

Y: Esses tijolos são de 1823. Limpando ele, a gente vê a marca. E aqui estão as pedras que vieram da Itália. Eu guardo porque um dia isso vai ser museu. Eu posso te mandar fotos da remoção.

M: Dona Yara, a senhora comprou essa casa?

Y: Eu comprei em 1971. Muita gente já veio fazer reportagem aqui.

Me mostrando as fotos do dia da plantação da muda no Ibirapuera, ela contou sobre o biólogo Ricardo Cardim e o processo de clonagem da Figueira das Lágrimas. Entre as fotos, ela encontrou uma bem antiga.

Y: Olha! Minha casa em 1810. Uma parte pegou fogo, mas a parte de trás já tinha. É a mesma casa!

M: A prefeitura ajudava a senhora no cuidado da árvore?

Y: Eu sempre fiz tudo sozinha! Até saco de lixo eles pararam de me dar de uns tempos pra cá. Tinha dia que eu punha 30 sacos de folhas!

M: E como é a rotina?

Y: Eu varria, deixava tudo limpinho. E não deixava qualquer um entrar. Teve dia que vieram até fazer barraco aí dentro. Era de manhã e o cara já tava com telha aí dentro. "Ah porque isso é patrimônio nosso"… Tá bom! Tive que enfrentar eles aí!



*Figueira das Lágrimas,
2018*
foto: Google Street View



Resíduos gerados nas obras, incluindo partes das raízes cortadas, tijolos e gradio frontal, 2018
foto: acervo pessoal; Yara Rodrigues Caldas





*Intervenções no espaço da
Figueira das Lágrimas,
2019
fotos: acervo pessoal.*



Dona Yara falou de sua insatisfação mais uma vez. Enquanto conversávamos, uma senhora que se encontrava no ponto de ônibus à frente da figueira confirmou a indignação.

Y: Tá vendo? Tá todo mundo revoltado com o que fizeram! Essas grades, os tijolos... foi tudo pro lixo! Eles dizem que guardaram tudo na Regional. Mas como, se o carro era daqueles de descarte de lixo?

Nós estávamos lutando pra refazerem o muro, porque estava caindo em cima das crianças! Diziam que eu não podia fazer, porque é patrimônio histórico. Mas era pra tirar os tijolos, tudo direitinho, limpar as grades... não acabar com tudo!

Ao terminar de me mostrar todas as fotos, comecei a perguntar sobre ela.

M: De onde a senhora é?

Y: Sou de Pernambuco! Meu nome é Yara Rodrigues Caldas.

M: A senhora veio pra São Paulo com quantos anos?

Y: Vim com 13 anos, to com 63. Comprei essa casa aqui em 1971.

Do quintal, ela me convidou para entrar na casa. Além das várias plantas, ela cuida de dois grandes aquários e outros animais.

M: A senhora gosta muito de plantas e animais, né?

Y: Eu sempre gostei!

M: Muita gente vem falar com a senhora sobre a figueira?

Y: Nossa! Tudo era comigo! Muita gente, muita reportagem, é só você procurar: "figueira das lágrimas".

M: E porque ela se chama assim?

Y: Porque na época da guerra, não vinham se despedir aí? E outra, o Dom Pedro não vinha ver a amante ali em cima, no Heliópolis, e deixava os cavalos debaixo daqui? [risadas] É o que o povo diz, né?

De dentro da casa, ela voltou a apontar as consequências da obra.

Y: Se eu abro a janela, se eu tiro a cortina e tem gente ali, fica tudo olhando. Olha minha privacidade, pra onde foi. Olha, essas orquídeas aqui estavam todas lá dentro! Tive que tirar de lá! Elas sentiram um bocado quando trouxe pra cá... Além disso, tamparam esse muro [entre a casa e a figueira] aqui. E adianta fechar, se agora vão entrar pelo telhado?

Mais uma vez, ela convocou alguma ação rápida de resposta. Disse que pode comprovar a posse do terreno e me mostrou os documentos da propriedade, junto com uma petição de embargo da obra.

Na hora da despedida, com bom humor apesar do transtorno, Dona Yara me mostrou seus animais de estimação e mais plantas, espalhadas por toda a casa.

Y: Você gosta de planta?

M: Eu gosto muito, mas moro em apartamento! Não tenho muitas.

Y: Nossa, mas é tão gostoso uma horta... Quando eu vou lá pro Recife e eu fico lá

no interior, é uma delícia!

Menino, eu não caí dali de cima [da escada]? Ali onde eu coloquei a samambaia [risadas]

M: Que loucura, Dona Yara!

Y: Eu caí lá embaixo, ó. Tô toda doída! [risadas] O que a gente não faz por uma planta, né?

Sentidos de Patrimonialização

Dentro da região que a pesquisa delimitou como Sacomã, os únicos bens protegidos por tombamento em qualquer instância são a Figueira das Lágrimas, -- protegida pelo decreto de 1989 -- e o conjunto de sobrados construídos em alvenaria aparente, por Américo Samarone -- tombados em 2018, em resolução do Conpresp. Em ambos os casos, as razões apresentadas para sustentar o tombamento não mantém quaisquer relações com os elementos presentes neste trabalho, ou em qualquer texto elaborado sobre o Sacomã.

O decreto nº 13.433 de 1989 é resultado de um estudo de vegetações significativas da cidade de São Paulo. O teor do documento gira em torno da preservação ambiental, da manutenção dessas espécies vegetais, mas não enfatiza a Árvore das Lágrimas, nem mesmo cita a sua participação na história da cidade. Em paralelo, a resolução de tombamento nº14/2018, que trata da proteção pelo programa Igepac no bairro do Ipiranga, também não faz menção ao histórico do conjunto construído em alvenaria aparente, senão a consideração de “que essas construções são remanescentes e indutoras de ocupação urbana iniciada no final do século XIX e meados do século XX, marcando a formação histórica da região do Ipiranga em suas diversas fases.” Da mesma forma, os dois textos incluem os bens em um inventário maior, ampliado, e nenhum deles apresenta um parecer de preservação baseado em uma contextualização histórica mais aprofundada.

No caso da árvore, é possível tensionar os sentidos de patrimonialização a partir da iniciativa do biólogo Ricardo Cardim, de clonagem e replantio do exemplar em outros lugares da cidade, sustentando a argumentação em sua territorialidade histórica, na importância de preservação da figueira no local onde ela se encontra: na saída da cidade, no lugar das despedidas. Por outro lado, é necessário compreender que as relações de posse, uso e zeladoria do terreno são conflituosas, e que o abandono pela gestão municipal continua sendo uma opção clara.

O conflito entre memória e propriedade também aparece no conjunto da família Samarone. Aparentemente, a insatisfação com a preservação dos bens construídos e da memória que eles podem mobilizar na região do Sacomã atravessou gerações.

Por isso, podemos perguntar quais os sentidos da patrimonialização desses bens no Sacomã? revisitando uma das primeiras hipóteses do trabalho, qual discurso autônomo poderia ser construído com esses tombamentos? Não no sentido de isolamento na historiografia da cidade de São Paulo -- como em alguns bairros onde o patrimônio e a memória são muitas vezes colocados no centro de um discurso “bairrista” --, mas no sentido do reconhecimento da produção, ocupação e uso do seu espaço urbano, criteriosamente territorializado na saída da cidade, assim como o reconhecimento das pessoas que dão voz a esse lugar.

Anexo: projeto expositivo

Além deste caderno, a pesquisa resultou na produção do conteúdo para uma exposição sobre a região do Sacomã, a ser disponibilizado futuramente para a sua consolidação. Para isso, serão utilizados materiais que representem a narrativa histórica, perguntas que levantam as discussões sobre o patrimônio e a memória e por fim, suportes de coleta de novos relatos.

Dividida em 4 temáticas -- introdução, “Tijolo e Telha”, “Da Linha Fábrica ao Terminal Sacomã” e “Árvore das Lágrimas” -- a exposição estará ancorada na narrativa por elementos que, de certa forma, podem constituir uma identidade para o Sacomã, no sentido de consolidação de um lugar na cidade de São Paulo. Além disso, a partir da abertura a novos relatos, a exposição poderá ampliar a operação da memória para outros habitantes, que representem outros grupos sociais presentes no Sacomã.

Por isso, a intenção é que essa proposta seja instalada no saguão do Terminal Sacomã, pela representatividade desse equipamento para a região e para a pesquisa. Além disso, a aproximação com os habitantes e comerciantes, bem como com os frequentadores do terminal, é um fator desejado na produção da exposição.

A seguir, apresento uma proposta para o material expositivo que pudesse organizar um projeto de exposição, com uma pré-definição dos elementos que fariam parte dessa mostra - indicando os textos, as imagens e os suportes possíveis.

Projeto Expositivo

Exposição

Azul Terracota: urbanização, narrativas e memórias no Sacomã

1. Objetivos

A partir de uma pesquisa realizada na ocasião de um Trabalho Final de Graduação (TFG) para a Faculdade de Arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo, no ano de 2019. A exposição pretende: apresentar uma narrativa histórica do processo de urbanização e ocupação da região do Sacomã; tratar de temáticas que circunscrevem a história e a memória, levantando questionamentos sobre o patrimônio e a identidade da região; coletar breves relatos de pessoas que moraram, trabalharam ou frequentaram o Sacomã.

2. Local Pretendido

Pretende-se instalar a exposição no saguão do primeiro andar do *Terminal Sacomã Osvaldo Giannotti*, localizado na praça Altemar Dutra, em São Paulo. O edifício, utilizado como terminal de ônibus, possui significativa representatividade para a região e para a pesquisa. Além disso, o fluxo de pessoas é interessante para a ativação de certos elementos da exposição.

3. Conteúdo Expositivo

3. 1. Evolução cartográfica: Apresentação dos 6 (seis) mapas confecionados durante a pesquisa do TFG, mostrando a evolução da ocupação e do arruamento construídos dentro do recorte espacial da pesquisa.

Mídia: mapas táteis, construídos com diferenciação de alturas para o arruamento e para as construções importantes, identificadas com o nome em Português e em Braille.

3. 2. introdução:

material textual: Você conhece a história do Sacomã? O que você sabe sobre essa região? Sabe de onde vem esse nome? Essas perguntas são as mesmas que motivaram uma pesquisa para um Trabalho Final de Graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Durante um ano, procuramos entender a história de urbanização e ocupação desse lugar, vasculhando mapas, documentos, fotos e coletando memórias de algumas pessoas que aqui moraram ou freqüentaram.

Por isso, podemos dizer que o trabalho foi guiado por duas operações: história e memória. As fronteiras entre elas são tênues, difícil delimitá-las claramente. Entretanto, é possível entender como elas colaboram entre si e como podemos movimentar essas duas operações para falarmos sobre o passado de uma região da cidade. Um mapa de venda de terras, um anúncio de jornal, ao lado de relatos pessoais sobre a rotina de trabalho, sobre as compras na loja de tecidos e o movimento no ponto de ônibus: todos esses elementos podem colaborar para entendermos o passado do Sacomã, de um jeito mais amplo.

A exposição aposta nessa colaboração: os documentos, mapas e fotos que constroem a narrativa histórica do Sacomã serão colocados lado a lado com as lembranças pessoais, de gente que dá voz à história da cidade. Agora, mostrando o resultado do trabalho, podemos expandir a pergunta: Que histórias você tem pra contar sobre o Sacomã?

3. 3. Primeira temática: Tijolo e Telha

material textual: Quase na divisa de São Paulo com o ABC Paulista (região que engloba os municípios de Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul), O sacomã teve sua origem em 1895, com a instalação do *Estabelecimento Cerâmico Saccoman Frères*, na região que era chamada de Sítio do Moinho Velho. Após alguns testes com argilas de outras regiões de São Paulo, os irmãos franceses Henry, Antoine e Ernest Saccoman encontraram nessa região a melhor matéria prima, assim como outras famílias descobririam mais tarde, como é o caso da cerâmica dos Falchi, na Vila Prudente, e a cerâmica de São Caetano.

Em uma época de crescimento da cidade e aceleração da construção civil, no final do século XIX, os irmãos Saccoman trouxeram de Marselha, na França, algumas inovações na construção em alvenaria. Seu principal produto eram as telhas planas, industrializadas, que assim ficariam conhecidas depois como telhas francesas ou marselhesas.

Em 1923, os franceses venderam a fábrica para o antigo funcionário Américo Samarone. Foi daí que então, a partir da indústria, a região se desenvolveu. Assim como outros industriais de São Paulo, o imigrante italiano começou a investir no mercado imobiliário, vendendo terras, promovendo loteamentos e construindo para alugar. Até hoje, no começo da Rua Silva Bueno, é possível ver algumas sobrados com tijolos e telhas aparentes, construídos por Samarone. Hoje, o conjunto está tombado pelo município, como patrimônio histórico da cidade.

Além da conveniência, o uso de tijolos e telhas nesses sobrados foi intencional. Eles são mostrados como “arquitetura-catálogo”, uma propaganda dos produtos fabricados pela indústria. Isso porque, apesar de ser o primeiro estabelecimento do ramo com grande porte na cidade, os Saccoman -- e as outras famílias -- estavam competindo o mercado com as pequenas olarias que estavam espalhadas em grande quantidade pelas margens dos rios Pinheiros e Tietê.

Outro modo de propaganda utilizado por essas grandes indústrias foi o anúncio em periódicos e jornais. A seguir, está apresentado um anúncio de 1954, veiculado na Folha de S. Paulo, dois anos antes da então Cerâmica Sacoman S.A. encerrar suas atividades.

Como vemos no mapa de 1954, o grande edifício industrial já não era mais representado. Ao invés disso, vemos um grande corpo d’água do outro lado da Via Anchieta, formado na área de extração de argila. A lagoa que ficaria conhecida como “lagoa da morte”, foi aterrada por causa dos diversos casos de afogamento, e a área, até hoje sem um uso urbano definido, continua sendo um vazio na cidade, ocupada por viadutos e rodovias urbanas, construídas durante a segunda metade do Século XX, até a chegada do Terminal Sacomã.

Mídia: pôster com o anúncio da Cerâmica Sacoman S.A., veiculado em 1954. Audio guia com o texto do anúncio. Modelo tátil da telha cerâmica plana, com identificação do Estabelecimento Cerâmico Saccoman Frères, em Português e em Braille.

3. 4. Segunda temática: Da Linha Fábrica ao Terminal Sacomã

material textual: Em paralelo ao desenvolvimento urbano da região, a infraestrutura de transportes era acionada. Já em 1913, a Companhia Light instalou sua linha número 20, chamada Fábrica, com ponto final na Rua Silva Bueno, próximo à cerâmica dos Saccoman. Subindo toda a rua, o bonde levava os trabalhadores às fábricas do Ipiranga, nas margens do Tamanduateí, depois seguia até a praça João Mendes, no centro da cidade. Fazendo o balão nas últimas quadras da rua Silva Bueno, retomava seu caminho. Como o Sacomã era o ponto final, os moradores dos bairros ao sul do Sacomã (Moinho Velho, Vila Sacomã, Vila das Mercês) seguiam seu caminho a pé.

Outro modelo de transporte que circulava pelo Sacomã eram os ônibus. De fato, aquele era o lugar de saída e chegada da cidade, para todos que iam e vinham do litoral paulista. Segundo relatos, diversas companhias se instalaram ali, no início da Vía Anchieta, facilitando a viagem. O ônibus também foi o modal adotado para substituir os bondes, na segunda metade do Século XX. Mesmo com as transformações, a rua Silva Bueno continuava sendo um local movimentado, com um comércio bastante ativo e importante para a região.

Nos anos 2000, a instalação do Terminal Sacomã, ponto final do Expresso Tiradentes, exigiu a construção de uma série de equipamentos rodoviários e mudanças no traçado das ruas da região, além de desapropriações ao longo de todo seu traçado. Concentrando as linhas de ônibus para a região do ABC paulista e as linhas da rua Silva Bueno, o terminal se tornou um equipamento de larga escala e grande importância para a mobilidade urbana da região. Os dez anos de obras resultaram em uma redução drástica do tempo de viagem até o Parque Dom Pedro.

Entretanto, as obras também ocasionaram um rearranjo hostil na paisa-

gem do Sacomã. Deslocando a maioria daquelas linhas para dentro do edifício, a Silva Bueno “amanheceu vazia”, de um dia pro outro, segundo os comerciantes. Hoje, muitos comércios locais enfraqueceram, dando lugar às grandes lojas e franquias. Mesmo com a chegada do metrô, o movimento de pessoas nas duas primeiras quadras da Silva Bueno ainda é desanimador. Além disso, a transformação da Via Anchieta em uma rodovia urbana expressa e a construção dos acessos para o terminal descontinuaram o percurso de quem descia a rua Bom Pastor e a rua Silva Bueno em direção ao litoral, e sepultaram a área da antiga “lagoa do Sacomã” como um vazio urbano, hoje ocupados por um complexo de viadutos e algumas áreas verdes residuais.

Por isso, podemos dizer que o Sacomã se consolidou, ao longo dos anos, como um nó da metrópole. Uma centralidade onde se concentram os fluxos de pessoas, e onde os equipamentos de transporte e mobilidade urbana incidem na paisagem. É um local onde os cidadãos decidem seu caminho dentro da cidade, desde os caminhos dos tropeiros para o litoral, até os ônibus e metrô no Terminal Sacomã.

Mídia: pôster com texto e imagens que ilustram as transformações na paisagem do Sacomã; fotos dos bondes da Companhia Light e do Terminal Sacomã.

3. 5. Terceira temática: Figueira das Lágrimas

material textual: Na verdade, esse nó urbano estava se formando desde antes da instalação das linhas de bonde. A região era a saída e chegada da cidade, antes mesmo da chegada dos franceses. Ali estava o entroncamento das duas velhas estradas que levavam para Santos. No começo do Caminho Velho (atual Estrada das Lágrimas) e do Caminho do Mar (Via Anchieta) estava demarcado o limite da cidade para os viajantes, sob a sombra de uma figureira-brava, palco de suas despedidas, seja pela tradição daqueles que viajavam a trabalho ou a estudo,,

seja na ocasião da Guerra do Paraguai, quando a Árvore das Lágrimas foi oficialmente o ponto demarcado, até onde os soldados poderiam ser acompanhados por suas famílias.

A Figueira das Lágrimas sobrevive até hoje, mas sofreu muitos ataques durante a sua história, principalmente pela falta de uma zeladoria especializada por parte do poder público, mesmo estando protegida legalmente pelo decreto 13.443 de 1989, inserida em um inventário com outros elementos da vegetação da cidade. Além disso, o texto da lei não cita em nenhum momento a importância histórica da árvore, nem mesmo as despedidas e a demarcação do limite da cidade de São Paulo.

Isso também acontece com o outro bem protegido na região do Sacomã. Os conjuntos de sobrados construídos em tijolos aparentes, que ocupam as primeiras quadras da rua Silva Bueno, estão tombados desde 2018, por uma resolução do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp). Como acontece no caso da Figueira das Lágrimas, o texto da lei não cita a história da Cerâmica Sacoman, nem mesmo da urbanização dessa região.

Então, a partir desses dois casos, podemos nos perguntar: quais os sentidos de patrimonializar a figueira e o conjunto de sobrados no Sacomã? Por que, em nenhum dos dois casos, os motivos apresentados não tem relação alguma com a história do lugar? E por último, que histórias podemos contar a partir desses patrimônios, para que as pessoas conheçam a relevância que eles têm para a cidade?

Mídia: pôster com texto e fotos da Árvore das Lágrimas e dos conjuntos de sobrados construídos por Américo Samarone. Excertos de texto do decreto 13.443/1989 e da resolução nº14/2018, do Conpresp.

3. 5. Coleta de relatos

material textual: Durante o trabalho, algumas pessoas foram entrevistadas, para que a voz delas estivesse imprimida também na narrativa contada a partir dos mapas, fotos e documentos. Alguns desses relatos estão expostos aqui, para ativar as suas próprias lembranças. É interessante perceber, a partir deles, como a cidade tem cheiros, cores, sons, sabores, tempos... Agora, você também é convidado a contar a sua história com o Sacomã. Esteja você morando, trabalhando, frequentando o terminal de ônibus ou o comércio: qualquer lembrança é importante e pode fazer parte da história dessa parte da cidade.

Mídia:

“Parede de tijolos”: parede com alguns dos relatos coletados durante a pesquisa, bem como espaços em branco para a colocação de novos textos.

“Cabine”: coleta de novos relatos, semelhante às cabines fotográficas, com microfones para gravação de áudio.

Audio guia com alguns trechos das entrevistas e dos relatos gravados durante a exposição.

Considerações Finais

Além da conclusão do curso de graduação, o trabalho representa um importante inserção pessoal nos temas da história e da memória aplicadas aos lugares. No fundo, estudar a aproximação entre a arquitetura, o urbanismo e a memória foi um esforço de responder, em certo modo, à pergunta pergunta que Fernando Atique faz em seu trabalho sobre a demolição do Palácio Monroe, no Rio De Janeiro: Como a cidade -- e por consequência, a arquitetura -- é vista fora de seu meio de produção profissional, pelos seus habitantes? Entender a lógica de produção do espaço, como a cidade cresceu e como seus elementos se transformaram a partir das vozes das pessoas foi uma forma de imprimir cor, cheiro, som e temporalidades aos lugares do Sacomã.

E a partir de documentos, cartografias e imagens, fontes primárias, foi importante também historicizar a produção da cidade. Ler uma São Paulo que não foi construída ao acaso, mas por discursos, lógicas culturais e econômicas que se repetiram em várias regiões da cidade, a despeito de suas particularidades. A construção da autonomia do Sacomã na historiografia de São Paulo passa pelo caminho comum imigrante/indústria/mercado imobiliário, costurando uma trama mais elaborada do que fabricar um “bairro”, com uma identidade bem demarcada, que tende a excluir uns grupos e preferir outros.

Isso não quer dizer que não foram encontrados elementos próprios da constituição do Sacomã. Sua inserção na “saída da ci-

dade”, a presença duradoura dos grandes meios de transporte e a paisagem moldada pela extração da argila, respondendo àquelas lógicas de produção da cidade, criaram situações urbanas que só existem no Sacomã. A localização da Figueira das Lágrimas não poderia ser outra. O Terminal Sacomã é a herança do ponto final de uma linha de bondes, depois das linhas de ônibus, instalado em um vazio urbano deixado pela extração de argila. Portanto, é nesse cruzamento entre aquilo que reverbera e aquilo que é próprio dessa região, onde as identidades começam a aflorar.

Entretanto, a discussão identitária pode e precisa ser ampliada. De certa forma, a idealização de uma nova coleta de relatos, a partir da exposição, vem nesse sentido. Sem dúvida, há grupos que não aparecem no trabalho, documentos que escaparam à pesquisa. Não era a intenção abarcá-los em amostragem, a partir de alguns representantes, mas justamente ampliar as operações que podem lidar com o passado. Existem outras memórias que ainda podem ser *trabalhadas juntas*, mais do que reveladas, mostrando essas outras formas de ver a cidade, fora do campo onde ela é produzida. Em outras palavras, há uma paleta de cores no Sacomã muito além do Azul e do Terracota.

Referências Bibliográficas

ATIQUE, Fernando. **A midiatização da (não) preservação: reflexões metodológicas sobre sociedade, periodismo e internet a propósito da demolição do Palácio Monroe.** Anais do Museu Paulista [online], vol. 24, n.3. São Paulo, 2016. pp. 149-175.

BARRO, M.; BACELLI, R. **Ipiranga.** História dos Bairros de São Paulo, v. 14. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1979.

BELLINGIERI, J.C. **A indústria Cerâmica em São Paulo e a “invenção” do filtro de água: um estudo sobre a Cerâmica Lamparelli - Jaboticabal (1920-1947).** Araraquara, 2003.

_____, J.C. **As Origens da Indústria Cerâmica em São Paulo.** 49º Congresso Brasileiro de Cerâmica. São Pedro, 2005.

BERTELLI, Luiz G. **Os irmãos Saccoman e a indústria cerâmica em São Paulo.** In: *Revista do Historiador* n. 145. Ano XXI, São Paulo, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

D'ELBOUX, Roseli M. Martins. **Nos caminhos da história urbana, a presença das figueiras-bravas.** Anais do Museu Paulista [online], vol. 26. São Paulo, 2018. pp. 1-23.

FERNANDES, Sílvia M. de Carvalho. Vargas, Heliana C. (orient). **Os impactos do Expresso Tiradentes na Rua Silva Bueno. As ações e reações do comércio frente às mudanças no transporte público.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

GENNARI, Luciana Alem. Lanna, Ana L. D. (orient). **As casas em série do brás e da Mooca: um aspecto da constituição da cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005
HALBWACHS, Maurice. Sidou, Beatriz (trad). **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

LA PASTINA FILHO, José. **Eram as telhas feitas nas coxas das escravas?.** Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, vol. 10 Curitiba: UFPR, 2006. pp. 17-21

LE GOFF, Jacques. Ferreira, Irene (trad). Leitão, Bernardo (trad). Borges, Suzana Ferreira (trad). **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 2010.

LYNCH, Kevin. Camargo, Jefferson Luiz (trad). **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MENESES, Ulpiano T. B. de. **A história, cativa da memória? Para um mapamento da memória no campo das Ciências Sociais.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, vol.34, São Paulo, 1992. pp. 9-24.

NORA, Pierre. Khoury, Yara A. (trad). **Entre memória e história: A problemática dos lugares.** Proj. História, vol. 10. São Paulo, 1993.

PEREIRA, José H. Martins. Kühl, Beatriz M. (orient). **As fábricas paulistas de louça doméstica: estudo de tipologias arquitetônicas na área de patrimônio industrial.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura na América Latina.** São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Amália Cristovão dos. **A América Portuguesa sob as luzes do scanner: arquivos, reprodução e manipulação digital da cartografia histórica.** Anais do Museu Paulista [online], vol. 24, n.3. São Paulo, 2016. pp.71-98.

SOARES, Cláudia C. Sandeville Junior, Euler (orient). **Heliópolis: práticas educativas na paisagem**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

TREVISAN, Ricardo. **Pensar por Atlas**. In: JACQUES, Paola B. (org); PEREIRA, Margareth da S. (org); *Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I – modos de pensar*. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 48-69.

blogs e sites

<http://www.cay.com.br/historia>. Acesso em: 13/11/2018

<http://www.independenciaumorte.com.br/acontece/item/27-sacom%C3%A3-hist%C3%B3ria.html>. Acesso em 13/11/2018

<http://www.saopauloinfoco.com.br/historia-do-sacoma/>. Acesso em 13/11/2018

<http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/2241/Estrada%2B-das%2Blagrimas>. Acesso em: 13/11/2018

Jornais e periódicos

<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sacoma-tantas-histórias,537083>. Acesso em: 13/11/2018

Correio da Manhã, publicado no dia 21/ago/1954. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> Acesso em 13/11/2018

Folha de S. Paulo, publicado no dia 11/mar/1969. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em 13/11/2018.

Folha de S. Paulo, publicado no dia 12/ago/1960. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em 23/10/2019.

São Paulo, 2019.